



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**JOSÉ RAIMUNDO FONSECA DE SOUZA**

**LETRAMENTO DE JOVENS EM SITUAÇÃO  
DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**JOSÉ RAIMUNDO FONSECA DE SOUZA**

**LETRAMENTO DE JOVENS EM SITUAÇÃO  
DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação – Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

S715l

Souza, José Raimundo Fonseca de.

Letramento de jovens em situação de vulnerabilidade social : um estudo de caso / José Raimundo Fonseca de Souza. - 2022.

100 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2022.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre.

1. Educação de jovens e adultos - São Francisco do Conde (BA). 2. Letramento - Aspectos sociais - São Francisco do Conde (BA). 3. São Francisco do Conde (BA) - Condições sociais.  
I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 372.098142

**JOSÉ RAIMUNDO FONSECA DE SOUZA**

**LETRAMENTO DE JOVENS EM SITUAÇÃO  
DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em: 29/07/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre (Orientadora)**

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa – UNESP UNILAB/Malês

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirian Sumica Carneiro Reis**

Doutora em Teoria da Literatura – UFRJ UNILAB/Malês

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Raqueline de Almeida Couto**

Mestre em Educação e Contemporaneidade – UNEB CEAJAT/ SFC

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, devo agradecer ao Supremo Arquiteto do Universo pela dádiva da vida, me permitindo estar aqui. Em seguida, agradecer aos meus ancestrais, nas figuras de meu pai José Ferreira de Souza e de minha mãe Renilza da Fonseca de Souza (in memoriam), que partiram para o Oriente eterno, mas que a todo o tempo emanaram suas energias a me impulsionar nesta caminhada. Lembro-me ainda como hoje, no ano de 2003, o dia em que saí de casa para morar na cidade de Alagoinhas (BA), onde iniciaria o Curso de Letras na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e “o olhar de minha mãe na porta eu deixei, chorando, a me abençoar<sup>1</sup>”.

Terminar esse curso deixado pelo caminho, pelas idas e vindas da vida, é acima de tudo honrar tantas lágrimas derramadas de angústia, de saudade e de ansiedade pelo reencontro. Reencontro este que vem se concretizar com a conclusão desta tarefa até então inacabada.

Quero agradecer ao meu filho Patrick Shelder, apenas pela sua existência, que já é o suficiente para me sentir mais capaz. À minha irmã Michelle pelas lições de superação. À minha linda sobrinha Maria Cecília, nossa caçulinha, pela energia radiante que seu sorriso transmite. À prima-irmã Ana Clara pela inspiração como educadora. À tia Raquel por todo amor. Agradeço a minha querida Gil, pela compreensão e carinho, e aos meus companheiros de Universidade, na pessoa da colega Mirian Alves, que pela parceria tornou-se amiga.

Não posso deixar de agradecer aos Vereadores Renilza Fernandes Melo e Antonio Santos Lopes, pelo respeito e confiança em acreditar nos propósitos deste acadêmico.

Na pessoa da querida Diretora, Professora Mírian Sumica, quero agradecer ao Presidente Luís Inácio Lula da Silva que me permitiu, a partir da instalação do Campus dos Malês, concluir o Curso de Letras, em minha amada terra natal, São Francisco do Conde (BA) e assim honrar o desejo de minha mãe que partiu antes de concretizá-lo.

Agradecer às professoras que gentilmente colaboraram, respondendo as entrevistas realizadas no transcurso deste trabalho. Aos professores e servidores dos Malês de uma forma geral.

Finalmente, quero agradecer a duas pessoas de especial importância para a conclusão desta missão:

A minha queridíssima orientadora, Professora. Dra. Sabrina Balsalobre, figura

---

<sup>1</sup> Verso da Canção: “No dia em que eu saí de casa”, autoria de Joel Marques, interpretada por Zezé Di Camargo e Luciano. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/zeze-di-camargo-e-luciano/85384/>

humana, cuja aura nos transmite segurança e paz interior, por me acolher como seu orientando e desde o início encarar comigo esta jornada, acreditando que seria possível chegar até aqui. Lembro-me, como hoje, de quando lhe enviei uma carta expondo a ideia do meu projeto e pedindo o seu amparo e ela com boa vontade maternal, não hesitou em me acompanhar.

E a J.K, um presente que recebi de Deus e que mudou o curso deste Trabalho de Conclusão. Acompanhar a sua caminhada, conhecer as suas dificuldades, encorajá-lo a buscar um novo caminho e assim poder modificar a trajetória da sua vida a partir do retorno às aulas, foi uma tarefa prazerosa, haja visto os resultados alcançados. A ele, nossos maiores agradecimentos pois, sua disposição em colaborar com o minucioso levantamento de dados indispensáveis a esta pesquisa, poderá ajudar a mudar a história de vida de muita gente.

## RESUMO

O objetivo geral da presente monografia é, a partir da análise de um caso concreto, refletir sobre a situação de vulnerabilidade social vivida por milhões de brasileiros que desencadeia um processo de exclusão em série e atinge potencialmente as camadas menos privilegiadas, trazendo como consequência à educação – entendido como um elemento direito social – a evasão escolar. Acompanhando a realidade vivida por um jovem morador do município de São Francisco do Conde (BA), foi possível ter uma dimensão das causas que levam outros jovens, que vivem em condições semelhantes, a abandonarem a escola. A partir dessa observação, foi possível demonstrar, com elementos probatórios, que a ampliação das práticas de letramentos dessas pessoas segue sendo possível, com métodos como os aplicados pela Educação de Jovens e Adultos (EJA), desde que sejam respeitados os seus conhecimentos prévios e oferecido um cardápio de possibilidades de aprendizado, que lhes sejam atraentes, contemplando assim o objetivo específico deste documento. A metodologia desse trabalho científico teve como alicerce a pesquisa bibliográfica, a realização de entrevistas e a observação de atividades pedagógicas produzidas pelo sujeito do estudo de caso. A análise de todo esse acervo, portanto, conduziu às conclusões, as quais versaram sobre a relação causa x soluções da problematização apresentada no tema deste trabalho. Tudo isso culminou na elaboração de uma minuta de Projeto de Lei encaminhado ao Poder Legislativo deste município, objetivando a formulação de políticas públicas para minorar esse problema.

**Palavras-chave:** Educação de jovens e adultos - São Francisco do Conde (BA). Letramento - Aspectos sociais - São Francisco do Conde (BA). São Francisco do Conde (BA) - Condições sociais.

## ABSTRACT

The general objective of this monograph is, from the analysis of a concrete case, to reflect on the situation of social vulnerability experienced by millions of Brazilians that triggers a process of serial exclusion and potentially affects the less privileged layers, bringing as a consequence to education – understood as an elementary social right – school evasion. Following the reality experienced by a young resident of the municipality of São Francisco do Conde (BA), it was possible to have a dimension of the causes that lead other young people, who live in similar conditions, to drop out of school. From this observation, it was possible to demonstrate, with probative elements, that the expansion of the literacy practices of these people is still possible, with methods such as those applied by the Education of Youth and Adults (EJA), provided that their prior knowledge and offered a menu of learning possibilities that are attractive to them, thus contemplating the specific objective of this document. The methodology of this scientific work was based on bibliographic research, interviews and observation of pedagogical activities produced by the subject of the case study. The analysis of this entire collection, therefore, led to the conclusions, which were about the cause x solutions relationship of the problematization presented in the theme of this work. All this culminated in the elaboration of a Draft Bill of Law sent to the Legislative Power of this municipality, aiming at the formulation of public policies to alleviate this problem.

**Keywords:** Literacy - Social Aspects - São Francisco do Conde (BA). São Francisco do Conde (BA) - Social conditions. Youth and adult education - São Francisco do Conde (BA).

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Primeira Redação de JK	28
<b>Figura 2</b>	Letramentos a partir do mar e do mangue	32
<b>Figura 3</b>	Letramentos a partir da pesca	34
<b>Figura 4</b>	Letramentos a partir de personalidades de São Francisco do Conde	35
<b>Figura 5</b>	Letramentos a partir da culinária de São Francisco do Conde	37
<b>Figura 6</b>	Entrevista com JK	39
<b>Figura 7</b>	Entrevista com a professora Crislane Sena	46
<b>Figura 8</b>	Entrevista com a coordenadora pedagógica Tatiane de Menezes	49
<b>Figura 9</b>	Entrevista com a Vice-Diretora Margareth Botelho	53
<b>Figura 10</b>	Atividades feitas em casa	57
<b>Figura 11</b>	Atividades feitas em casa	58
<b>Figura 12</b>	Atividades feitas em casa	59

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>2</b>	<b>ESTUDO DE CASO SOBRE LETRAMENTO EM EJA: UM PERSONAGEM DA VIDA REAL</b>	13
2.1	A VIDA DE J.K.	13
2.2	J.K. MATRICULADO NA EJA	14
<b>3</b>	<b>EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO DE LETRAMENTO</b>	16
3.1	EJA À LUZ DO DIREITO	16
3.2	LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS	21
<b>4</b>	<b>ENTREVISTAS E MATERIAIS ESCRITOS: ANÁLISES</b>	32
4.1	LETRAMENTOS E ENTREVISTAS COM J.K	38
4.2	ENTREVISTA COM PROFESSORAS E DIRETORAS	44
4.3	IMPRESSÕES DE JOSÉ RAIMUNDO NO INCENTIVO AOS ESTUDOS	56
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	61
	<b>Referências</b>	63
	<b>ANEXOS</b>	64
	Anexo A – Ofício de solicitação de emenda a Lei Municipal 566/2019	65
	Anexo B – Projeto Lei 034/2022 – Alteração da Lei	70
	Anexo C – Lei 566/2019	73
	Anexo D – Entrevistas com Profissionais da Educação	83
	Anexo E – Atividades realizadas na Pandemia	93
	Anexo F – Imagens da Escola Frei Elizeu Eismann	96
	Anexo G – Desenhos produzidos por J.K	99

## 1 INTRODUÇÃO

Em um país com dimensões continentais, como o Brasil, as desigualdades sociais existem de forma diretamente proporcionais. Nessa esteira, a história colonial, que associou o enriquecimento econômico à mão de obra escravizada, produziu iniquidades sociais de todas as ordens que são sentidas até o presente. Desse modo, o desenvolvimento que se espera ser alcançado em um país como o nosso – potencialmente rico – parece estar fora do alcance dos nossos olhos, ante ao desproporcional crescimento demográfico que desencadeia o surgimento de inúmeras demandas, tornando as classes historicamente oprimidas ainda mais vulneráveis.

Ao se considerar, particularmente, as pessoas alijadas dos direitos sociais mais básicos, qualquer motivo que se constitua como obstáculo para o acesso à educação pública de qualidade só colabora para o agravamento desse cenário. Crianças que não têm acesso à escola em função de diversos fatores provavelmente serão adolescentes com os mesmos problemas e tendem a tornarem-se adultos sem perspectivas.

Nesse contexto, em 1996, fortalecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – lei número 9.394/1996), a EJA (Educação de Jovens e Adultos) surge como um novo horizonte para abrandar essa lacuna existente na vida de jovens e adultos afastados da escola. Entende-se que se trata de uma parcela da população que merece, além da oportunidade para aprimorar o seu processo de letramento, que para muitos até então seria uma realidade distante, a real preparação para a inserção no mercado de trabalho que a cada dia apresenta-se mais competitivo.

Assim sendo, alicerçado na investigação, pesquisa e observação, o presentetrabalho científico pretende refletir sobre a realidade que milhões de jovens brasileiros enfrentam para manter-se na escola, a partir do acompanhamento de um caso concreto. Como resultado desse estudo de caso, nosso objetivo é o de apresentar uma alternativa para fortalecer a juventude que decidiu voltar aos estudos por meioda EJA.

Para a realização dessa pesquisa científica, o primeiro passo metodológico foi a exploração bibliográfica lastreada, sobretudo, nos ensinamentos das práticas pedagógicas de Paulo Freire e no sócio-interacionismo de Lev Semenovich Vygotsky. Esses dois autores deram fundamentação teórica para a problematização do estudo, partindo da história de um personagem da vida real: um adolescente em situação de extrema vulnerabilidade social,

que por questões éticas chamaremos de J.K.<sup>2</sup>.

A seguir, dedicamo-nos à observação dos aspectos causadores da exclusão social de J.K. Compreendemos, portanto, que houve uma sequência de fatores, os quais passam substancialmente pela privação de uma série de direitos sociais que acometeram historicamente toda a família. Desse modo, essa pesquisa trilhou por caminhos diversos: ora pelo levantamento da genealogia de J.K., buscando compreender aspectos da sua vida em família; ora pela consideração de questões ambientais e sociais do meio em que o jovem esteve inserido ao longo da sua vida. Além disso, acompanhou-se o seu processo de retorno à escola, na modalidade EJA, de tal modo que suas atividades de letramento foram sendo observadas e seus progressos celebrados.

Nessa perspectiva, será apresentado o resultado desse estudo de caso por meio do presente texto, o qual está dividido em quatro capítulos, logo após a presente introdução: no Capítulo II, intitulado “Estudo de caso sobre letramento em EJA: um personagem da vida real”, procuramos resumidamente trazer a história desse nosso personagem, desde a sua infância até os seus 15 anos, apontando os elementos, que poderiam contribuir, dificultar ou definir o seu desenvolvimento e as possíveis soluções para que sua história de vida tomasse outro caminho.

No Capítulo III, tratamos da “Educação de Jovens e Adultos: ampliação do repertório de letramento”, no qual abordamos o novo momento vivido pelo nosso personagem. Nele também trouxemos a fundamentação legal que constitui a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e problematizamos os conceitos e repercussões trazidas pelos letramentos sociais. Assim, refletimos sobre o fato de que a realidade de um adolescente que tem conhecimentos prévios, vivenciados na sobrevivência a partir da mariscagem, em muito, pode contribuir com a ampliação dos letramentos em EJA.

No Capítulo IV, trouxemos as entrevistas realizadas com o próprio J.K e com pessoas que de alguma forma acompanharam esse percurso vivido por ele até o ingresso na EJA. Além disso, no Capítulo V, trouxemos as nossas derradeiras considerações sobre este trabalho. Nele, apresentamos, como elemento resultante dessa jornada, uma minuta de Projeto de Lei, como provocação ao Poder Público, para a adoção de Políticas Públicas que objetivam a redução dos índices de evasão escolar e, por conseguinte, reduzir a situação de vulnerabilidade social que atinge e traz prejuízos para a vida dos nossos jovens.

---

<sup>2</sup> Por motivos éticos, o nome do estudante pesquisado por este estudo científico foi omitido e substituído pela expressão “J.K”.

## **2 ESTUDO DE CASO SOBRE LETRAMENTO EM EJA: UM PERSONAGEM DA VIDA REAL**

Neste Capítulo, fundamentalmente, apresentamos o jovem que protagoniza este o estudo de caso proposto por este estudo científico. Logo após, abordaremos, ainda que de forma sintética, a transição de duas fases da sua vida: antes e depois da experiência com a Educação de Jovens e Adultos.

### **2.1 A VIDA DE J.K**

J.K é um jovem filho de negros, nascido em São Francisco do Conde, cidade do Recôncavo Baiano. Sua mãe, desempregada, vive de benefícios sociais e da venda das latinhas que cata nos fins de semana para reciclagem. Seu pai, também desempregado, entregou ao alcoolismo e às drogas, pescava e fazia pequenos serviços como ajudante de pedreiro e o pouco que ganhava usava para sustentar seus vícios. Separou-se da esposa quando J.K ainda tinha dez anos de idade, deixando mais dois filhos menores, uma menina e outro menino.

A mãe, sem ter com quem deixar as crianças para ir procurar as latinhas, deixava-os presos dentro de casa – na verdade um quartinho, medindo aproximadamente 20 metros quadrados, coberto por telhas de amianto, onde o sol não precisava nem estar muito forte para transformar aquele cubículo em um verdadeiro forno e, lá ficavam o menino e seus dois irmãos quando não estavam na escola enquanto sua mãe ia buscar o sustento nas ruas.

Sua mãe é evangélica e muito conservadora e não permitia que as crianças ficassem sem camisa em casa, apesar de todo o calor. A menina talvez por uma questão cultural conseguia respeitar essa norma, mas os meninos, volta e meia, ficavam de corpos nus para amenizar a agonia da alta temperatura e eram repreendidos pela mãe com surra de “borracha de sofá”, segundo relatos do próprio garoto.

J.K, era uma criança muito curiosa, seus avós paternos eram pescadores e vocação que seu pai também aprendeu, sempre que sua mãe deixava, ele acompanhava sua avó que saía cedo para o mangue para mariscar ostras e sururus. Com ela, foi aprendendo essa vocação e parte do que pescavam vendia nas ruas para ajudar sua mãe.

Seus pais, mesmos separados, protagonizavam cenas de brigas e discussões que os filhos presenciavam e, impotentes só podiam ver e chorar muito.

A sua mãe, como dito, recebia um benefício social, que tinha como um dos critérios de permanência, que os filhos estivessem matriculados e estudando. Seu irmão mais velho e sua irmã, apesar da dura realidade, com muita dificuldade conseguiam frequentar a escola, mas várias foram as tentativas de manter o caçula da família estudando, pois, com muito sacrifício ele conseguia ficar até a hora da distribuição da merenda e, logo após sempre, dava um jeito de fugir.

A partir do terceiro ano, sua permanência na escola já era impossível, pois ele se comportava muito mal: quebrava móveis, batia em colegas e era visto como um líder da bagunça e seus colegas, por isso, lhe tinham certo respeito.

O educando apresentava um comportamento indisciplinar, não possuía uma escuta atenta, demonstrava agressividade com os colegas de sala. (. . .) Era notório que J.K não sentia-se pertencente ao ambiente escolar e mesmo utilizando afetividade com ele muitas vezes ele negava essa recíproca<sup>3</sup> (Crislane Sena – Professora)

Por conta das suas travessuras, era suspenso constantemente nas escolas para ele isso era muito bom, porque não tinha que estar naquele lugar que lhe privava a liberdade.

Certo dia, em uma atitude extrema, J.K em tom agressivo questionou a sua professora se ela iria aprová-lo, ao receber uma resposta negativa, a atingiu com uma carteira escolar e esta provavelmente foi sua atitude mais infeliz que, pelas regras da unidade, lhe custou ser expulso pelo extremo ato de indisciplina.

Daí em diante, um novo capítulo poderia ser escrito na vida do nosso jovem, pois, excluído da escola formal, já tinha tido a experiência com as drogas e estava prestes a ingressar na escola do crime.

## 2.2 J.K MATRICULADO EMEJA

Um dia, ao reencontrar o jovem J.K, questionei se ele estava frequentando a escola regularmente, ao que nos respondeu que não. A resposta nos deixou triste e preocupado, uma vez que aquele menino era amigo de infância do nosso filho biológico, contudo por trilharem caminhos diferentes, percebia que havia no seu olhar uma tristeza de tamanho ainda incerto, mas pequeninos como estavam, nos dava pistas de que ele não estava bem. Conversamos um pouco e combinei de visitar a sua mãe para uma conversa de adultos.

No dia seguinte, ao encontrá-la, a recepção não foi das melhores, muito nervosa,

---

<sup>3</sup> Informações relatadas pela Professora Crislane Sena em entrevista disponível no capítulo 4 deste trabalho.

gritava dizendo que não queria falar sobre o garoto e que ele estava muito teimoso, por isso, não o queria mais na sua casa. Aguardei ela ficar mais calma e em um outro dia conversamos. Solicitei a autorização para que pudesse matriculá-lo, me comprometendo a ajudá-lo no que fosse preciso naquele novo desafio. O menino, então, me pediu para ficar alguns dias na nossa casa, e com o consentimento da sua mãe, permiti. Aproveitei, então, para acompanhá-lo nos primeiros dias de aula em EJA e ele, bastante motivado, fez questão de estar pronto no horário marcado para começar a aula. Para não correr o risco de ele desviar o caminho, eu sempre o levava pessoalmente até a unidade escolar.

Tratava-se da Escola Frei Elizeu Eisman, localizada na Rua Frei Miguel, centro da cidade de São Francisco do Conde. O corpo docente daquela unidade escolar recebeu, em 2018, um curso de formação para profissionais em EJA ministrado pela neuropiscicóloga Cleudia Fernandes, replicado, a partir daí, pela coordenação pedagógica da própria escola, que traz a política de inclusão e de acolhimento como fio condutor de suas ações.

De fato, J.K teve um comportamento surpreendente ao começar a frequentar aquela escola. Estava animado, chegava em casa comentando sobre as aulas e eu, diariamente, solicitava o assunto que foi dado e revisava com ele discutindo sobre o tema abordado e tirando as dúvidas que ainda restavam. Sobre esse novo momento, em EJA destacou em entrevista a professora Tatiane de Meneses, coordenadora pedagógica da escola Frei Elizeu:

[...] J.K mudou significativamente, sendo aluno da EJA, era mais dedicado, participativo. [...] Muitas foram as mudanças, sendo elas realização nas atividades, participação oral nas aulas, escrita, colaboração, conversava com os colegas da turma, SORRIA. O grande ganho foi o sorriso<sup>4</sup>

Questionada sobre se matriculado em EJA J.K conseguia realizar as atividades, tivemos uma resposta muito animadora de que *“Fazia e ainda tirava dúvidas, fazia perguntas e contribuía com as aulas expondo seus conhecimentos sobre diversos assuntos”*, respondeu a professora Tatiane.

Note-se no comentário da coordenadora, quando ela diz que o grande ganho foi o sorriso, há nessa expressão, toda uma carga de simbolismo por trás desse sorriso, uma vez que ele representa, a nosso ver, a satisfação do jovem pelo novo momento que estava vivendo e a possibilidade de, doravante, poder aprender mais e se desenvolver.

Sobre suas produções e avanços em EJA, abordaremos com maior profundidade no

---

<sup>4</sup> Informações relatadas pela Professora Tatiane Meneses Coordenadora pedagógica da Escola Frei Elizeu, em entrevista disponível no capítulo 4 deste trabalho.

próximo capítulo quando trataremos de ampliação do repertório de letramento.

### **3 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO DE LETRAMENTO**

Neste capítulo, traremos uma abordagem sobre a EJA enquanto política pública. Em seguida, entraremos na discussão sobre o conceito de letramentos e sua correlação prática com nosso objeto de estudo.

#### **3.1 EJA À LUZ DO DIREITO**

A Constituição Federal promulgada em 1988 foi o grande marco da redemocratização do Brasil. O país, até então, vivia em um regime de Ditadura Militar marcado pelo autoritarismo, institucionalizado pela Constituição de 1967. Com a mobilização social, paulatinamente, a ditadura foi perdendo fôlego e aquela sociedade, representada por intelectuais, movimentos estudantis e de classes, lutava pelo estabelecimento da democracia que só viria a ser concretizada com a elaboração de uma Carta que contemplasse os direitos do cidadão, garantindo, sobretudo as suas liberdades civis. Nesse cenário fomentado pela provocação popular, fora instalada a Assembleia Nacional Constituinte que resultou na chamada “Constituição Cidadã”.

Dentre tantos avanços do novo texto constitucional, um importante passo para a democracia e para a cidadania nacional, resgatado da Constituição de 1946 e que fora extinta pelo regime militar, deve ser salientado: Os Direitos Sociais.

Naquela Constituição de 1967, os direitos sociais visavam tão somente a proteção dos trabalhadores, uma vez que foram conquistados a partir de lutas das classes operárias. Contudo, ao longo do tempo, entendeu-se que deveriam ser ampliados para contemplar os hipossuficientes, isto é, as chamadas minorias excluídas. Dessa forma, o novo texto promulgado em 1988, em seu Artigo 6º, vem consagrar como direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade, à infância e a assistência aos desamparados. Nessa perspectiva, esses direitos são direcionados como dever não apenas do Estado, mas também da sociedade e da família, sobretudo para garantir à criança e ao adolescente o

direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência com a família e em comunidade, assim como a proteção contra qualquer forma de discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. De forma mais abrangente, o Artigo 5º da Carta Magna preconiza que *“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”* (CF/1988). Nesse contexto, o direito à educação veio inspirar a elaboração de normas e de regulamentos específicos, tendo como princípio as relações de alunos, professores e demais profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Entre eles, destaca-se a **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (LDB – Lei 9.394 de 1996), – a mais importante lei do sistema educacional brasileiro, por ser considerada o marco regulatório do sistema educacional do Brasil, desde a educação básica até o ensino superior, dispendo inclusive sobre a formação dos seus profissionais.

De modo geral, a LDB foi criada para garantir o direito social de toda a população a ter acesso à educação gratuita e de qualidade e também para valorizar os profissionais da educação e estabelecer o dever da União, do Estado e dos Municípios com a educação pública. Nesse sentido, ela preconiza que a educação brasileira deva ser dividida em dois níveis: a educação básica e o ensino superior.

Por **educação básica** compreende-se o Ensino Infantil (competência dos municípios), o Ensino Fundamental (competência dos estados e municípios), o Ensino Médio e profissionalizante (competência dos estados). O ensino superior, por sua vez, é de competência da União, podendo ser oferecido também pelos estados.

A educação brasileira conta ainda com algumas modalidades que perpassam todos os níveis, são elas: A Educação Especial, a Educação à distância, a Educação Profissional e Tecnológica, a Educação Escolar Indígena, a Educação Escolar Quilombola, a Educação do Campo, e, finalmente, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a qual atende pessoas que não tiveram acesso à educação na idade apropriada e que consiste no alvo de interesse do presente estudo – e que será mais detalhadamente debatida ao final dessa subseção.

Considerando que a Educação é direito público, o acesso ao ensino infantil (a partir de 4 anos) e ao ensino fundamental é obrigatório e gratuito. Desse modo, o não oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público ou sua oferta irregular implica responsabilidade da autoridade competente. Tem-se no Brasil, portanto, uma organização estatal que é responsável pela gestão do ensino público. Entretanto, apesar da existência da oferta gratuita, ainda se nota a dificuldade de acesso e, até mesmo, a exclusão de boa parte da

população, sobretudo aquela menos provida de informação.

Ao referir-se especificamente à educação, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, preconiza:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, art.205).

A partir dessa perspectiva, compreendemos que a educação prevê um processo de envolvimento de toda a sociedade para o desenvolvimento do indivíduo, a fim de que ele possa atuar em comunidade, em direção de objetivos coletivos. Sob este viés e considerando ainda os objetivos democratizantes da Constituição de 1988, convém questionarmos: o que esta sociedade tem feito, de fato, para aproximar os excluídos das salas de aula? E quem são esses excluídos?

Segundo Florence Bouer<sup>5</sup>, representante do Brasil no UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), até 2019 havia cerca de 1,1 milhão de crianças e adolescentes em idade escolar obrigatória fora da escola no Brasil, sendo que em sua maioria, tratava-se de crianças de 4 e 5 anos e de adolescentes de 15 a 17 anos. Assim, o retrato dos excluídos é, majoritariamente, formado por jovens e crianças que vivem em situação mais vulnerável por questões socioeconômicas, oriundos de famílias com renda *per capita* de até meio salário-mínimo e, em maior número, pretos, pardos e indígenas.

Entre os motivos alegados pelos adolescentes de 15 a 17 que estão fora da escola, fundamentalmente está o desinteresse em estudar levado pela necessidade de trabalho e pela gravidez, no caso das meninas. Estas declarações, pelo nível de complexidade do cenário social, merecem uma reflexão delicada sobre o assunto, na medida em que observamos que este afastamento da escola é observado em um determinado grupo social em detrimento de outros tidos como mais “privilegiados”. Esses indicadores dão pistas certas de que a violência, a discriminação e o preconceito sofrido pelas populações mais vulneráveis contribuem para que esses jovens concluam que a escola não é um espaço atraente e que é melhor desistir do que seguir estudando.

Com o advento da pandemia do COVID-19 e o compulsório fechamento das escolas<sup>6</sup>, os efeitos dessas desigualdades refletiram no agravamento da exclusão

---

<sup>5</sup> UNICEF, 2021. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2022

<sup>6</sup> Em 20 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto do COVID-19

educacional dessa mesma parcela da população. Houve, conseqüentemente, o cerceamento do acesso ao direito de aprender, uma vez que, mesmo os matriculados que precisavam acompanhar as aulas no formato remoto, devido à falta de acesso à internet, a computadores ou a um simples aparelho celular, não tiveram condições de garantir seus estudos de forma digna. Por conta de tudo isso, no final de 2020, já era estimado que cerca de 5 milhões de meninas e meninos de 6 a 17 anos não tinham acesso à educação no Brasil.

Esses dados nos impõem outro questionamento: o poder público tem, de fato, se preocupado em formar cidadãos conscientes dos seus direitos, de suas possibilidades e em condições de refletir sobre a sua realidade considerando seu papel transformador no meio em que vive?

A base para um bom desenvolvimento escolar, que leva ao êxito de todas as etapas de aprendizagem, depende de uma boa educação infantil. Portanto, o Estado deve garantir políticas públicas para oferecer um ensino de qualidade, de forma a que todos tenham acesso. Ocorre que o Brasil enfrenta um grave problema na educação pública, haja vista que há profundos cortes de investimento público em áreas básicas (PEC 55/2016), além do que as verbas destinadas para essa área (como o novo FUNDEB – Emenda Constitucional nº 108/2020 – por exemplo) não são devidamente aplicadas, levando a prejuízos irreparáveis para o desenvolvimento intelectual dos brasileiros que dependem do ensino público.

Quando tratamos de qualidade, recorremos às lições de prestigiados autores para melhor debater a qualidade que buscamos, então, para a educação básica, uma vez que o papel constitucional do Estado é o de garantir uma educação pública inclusiva e democrática, faz-se necessário então, compreender melhor o conceito de qualidade sociocultural na educação pública, a partir das lições de Gadotti (2013, p.4):

Quando a escola pública era para poucos, era boa só para esses poucos. Agora que é de todos, principalmente para os mais pobres, ela precisa ser apropriada para esse novo público, ela deve ser de qualidade sociocultural. Isso significa investir nas condições que possibilitam essa nova qualidade que inclui transporte, saúde, alimentação, vestuário, cultura, esporte e lazer. Não basta matricular os pobres na escola (inclusão). É preciso matricular com eles, também, a sua cultura, seus desejos, seus sonhos, a vontade de “ser mais” (GADOTTI, 2013).

---

como Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e, em 11 de março de 2020, como pandemia. Trata-se de uma doença respiratória causada pelo Coronavírus que ceifou milhões de vidas ao redor do mundo. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia\\_de\\_COVID-19](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19)

Para o autor, portanto, uma educação pública de qualidade sociocultural, é orientada para a formação integral do aluno. Entretanto, a desigualdade social afeta diretamente a população de baixa renda, que não pode custear os estudos que deveriam ser fornecidos pelo governo, com boa qualidade. Por conta da necessidade de buscar alternativas para a própria sobrevivência, muitas pessoas são obrigadas, quase que de forma natural, a deixar de frequentar a escola nos anos regulares. Por conseguinte, em função desse retrato social brasileiro é que surgiu a **Educação de Jovens e Adultos (EJA)**.

Justamente a partir da flagrante desigualdade social brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) estabeleceu no capítulo II, seção V, a Educação de Jovens e Adultos Conforme o artigo 37 dessa lei, “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. A partir dessa definição da EJA, passamos a compreender a importância da educação inclusiva e compensatória que essa modalidade de ensino se reveste.

Pelo fato de a EJA ser contemplada pela LDB, ela ganha corpo e torna-se uma política de Estado, na medida em que o governo do Brasil deve incentivar e investir na EJA como possibilidade de se elevar o índice de ensino da população, principalmente, daqueles que, como mencionamos anteriormente, não tiveram acesso ou possibilidade de estudos na idade prevista.

Dessa forma, passamos a compreender que, além de ser uma política educacional, a EJA é, sobretudo uma política social que possibilita aos alunos melhorarem sua qualidade de vida com vistas a melhores condições de trabalho e de dignidade social. Essa modalidade vem corrigir, portanto, a disparidade que há entre o que está escrito e garantido pelos direitos sociais na Carta Magna e o que de fato acontece, pois, em que pese o direito à educação ser, em tese, garantido a todos, como vimos anteriormente, milhões ainda são excluídos.

A principal missão da EJA é fazer valer o que foi previsto pelo artigo 208, inciso I, da Constituição Federal de 1988, que garante o acesso e a permanência ao ensino fundamental a todos. Ademais, conforme o parágrafo segundo do artigo 37º da LDB, ao governo cabe estimular o acesso da população a essa modalidade educacional e oferecer condições de funcionamento dignas para que sejam, de fato, efetivados os seus objetivos que são os de inclusão social e de melhoria da qualidade de vida pessoal e profissional dos educandos. Contudo, diante do atual cenário político brasileiro, essas garantias têm sido cada vez mais

difíceis de serem respeitadas. Na contramão disso, vemos uma educação pública em processo de sucateamento para inserção da privatização de um direito que, pela nossa Constituição de 1988, é inalienável.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, em seu Título I, Art. 1º, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida privada, na coexistência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e estudo, nos movimentos sociais e organizações do grupo civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996). Dessa forma, a EJA apresentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação precisa realizar suas finalidades, uma vez que se entende que a razão pelo qual os indivíduos ingressam na EJA é com o propósito comum da procura pela garantia desses seus direitos.

Com base no que foi exposto, fica claro que uma das funções da EJA é reparar os danos educacionais negados a esses milhões de brasileiros. Para isso, é necessário que se tenha em mente a complexidade dessa modalidade de ensino ante as demais, pois os alunos da EJA são jovens e adultos em geral, trabalhadores, cansados da labuta do dia a dia, que procuram aperfeiçoamento nos estudos ou até mesmo a sua conclusão. Trata-se, portanto, de pessoas que possuem uma visão de mundo a respeito da escola e da sociedade, amplamente fomentada pelo descaso público com os diversos direitos sociais. Nessa perspectiva, um olhar mais sensível à EJA é o que se propõe por esse estudo científico.

### 3.2 LETRAMENTOS DE JOVENS E DE ADULTOS

O conceito de letramento é relativamente recente e, assim, mostra-se em evidência no atual cenário da educação. Ele pode ser compreendido como “o processo de apropriação da cultura escrita fazendo um uso real da leitura e da escrita como práticas sociais.” (SOARES, 2004, p.24). Magda Soares é enfática em dizer que, no Brasil, temos um progressivo uso do conceito de letramento para denominar os processos que levam as pessoas a terem um domínio adequado da leitura e da escrita. Ou seja, alfabetizar letrando pressupõe ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais. Ela menciona como exemplo, matérias publicadas na mídia, as quais consideram que ser alfabetizado é mais do que saber ler e escrever um bilhete – o que, até bem pouco, tempo era tido como parâmetro para mostrar que alguém não era considerado analfabeto. A autora defende que a alfabetização e o letramento devem ser trabalhados na escola paralelamente de forma a evitar o fracasso escolar.

A concepção de letramento difere da de alfabetização na medida em que não se

restringe apenas às práticas da leitura e da escrita durante os processos de escolarização, mas, sobretudo das práticas sociais de utilização dessa escrita e dessa leitura, buscando formar cidadãos críticos e não apenas reprodutores do que leem e escrevem. Ainda sobre essa abordagem, Magda Soares adverte:

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e a escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua propriedade. (SOARES, 2009, p. 39).

Paulo Freire (2006) traz à lume que o analfabetismo é tido, em visão ingênua, como a manifestação da incapacidade de um povo, isto é, como um problema que deve ser erradicado. Essa visão ingênua é, na verdade, uma visão astuta, pois parte daqueles que sabem muito bem o que estão fazendo e o que querem, quando perpetuam essa ideia. Freire defende que é necessário alfabetizar para a criticidade, de tal modo que o aluno aplique o que aprendeu em seu cotidiano, a fim de que ele seja um cidadão consciente de seus atos.

Observamos que Freire não menciona claramente o termo “letramento” em suas lições, uma vez que, como já tratamos, essa é uma concepção mais recente. Contudo, o autor aponta para o fato de que é necessário alfabetizar esses jovens e adultos partindo de suas realidades, quando afirma que “o aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo ou quase paralelo à realidade concretos alfabetizando.” (FREIRE, 2006, p. 18).

Assim, o letramento a partir desse viés social tem como foco os aspectos socioculturais que envolvem a própria formação do indivíduo. Para Vygotsky (1984), isso representa o coroamento de um processo histórico de transformação e de diferenciação no uso de instrumentos mediadores. É o que ele chama de processo de aprendizagem.

Alicerçado pelas abordagens teóricas desses mestres (Magda Soares, Paulo Freire e Lev Vygotsky), concluímos que as condições para que o letramento se efetive perpassam por uma escolarização real da população, pela disponibilidade de materiais diversificados de leitura e pela interação, para que os educandos tenham maior acesso não só à realidade em que vivem, como também a outros bens culturais que são fundamentais para a ampliação da competência comunicativa do ser em formação. Ademais, tão ou mais importante do que essas questões, é que o letramento ocorra paulatinamente, observando e respeitando a individualidade de cada jovem e os aspectos psicossociais em que ele se encontra inserido.

Na obra *Letramento em EJA*, Maria Cecília Mollica e Mariza Leal (2009) pontuam que jovens e adultos possuem saberes prévios, inatos e intuitivos, nos contextos em que estão inseridos e na cultura marcadamente letrada em que vivem (MOLLICA; LEAL, 2009). Essa afirmação nos leva a estabelecer um exercício de intertextualidade com Paulo Freire, segundo ele a leitura de mundo que jovens e adultos fazem antecede a leitura da palavra, uma vez que o indivíduo aprende durante toda a sua vida e em qualquer idade. Desse modo, ao ingressar na escola, ele já traz conhecimentos graças à interação com outras pessoas com quem, de uma ou outra forma, trocam experiência e saberes.

A aprendizagem, então, não é um processo de absorção passiva, mas um processo dinâmico que envolve a participação total do indivíduo em seus aspectos intelectual, emocional, físico e social. Sabemos que cada indivíduo tem o seu próprio ritmo e a sua maneira de aprender, os quais perpassam o aproveitamento de conhecimentos anteriores. Prova disso são as interpretações de textos e fatos que se relacionam com experiências vividas, muitas vezes oportunizadas na vida do trabalho. Sobre isso, enfatizam Maria Cecília Mollica e Mariza Leal (2009): “Os indivíduos jovens e adultos desenvolvem estratégias, ao longo da vida, pela experiência, advinda de necessidades básicas do mundo do trabalho, pela necessidade de interagir com os diferentes contextos sociais” (MOLLICA; LEAL, 2009, p,57).

A autonomia na leitura é um processo, o qual transcorre paulatinamente ao aumento da experiência leitora, na medida em que ocorre a ampliação de conhecimentos que servem de apoio à identificação de palavras, de frases e de diferentes formas de texto. Nesse contexto, Paulo Freire, em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1998), ressalta que “educar é como viver, exige a consciência do inacabado porque a história é um tempo de possibilidades e não de determinismo”. Ainda segundo Freire, na mesma obra, “o educador que castra a curiosidade do educando, em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se”. A autonomia, a dignidade e a identidade do educando têm de ser respeitadas, caso contrário, o ensino tornar-se-á inautêntico, palavreado vazio e inoperante. E isto só é possível tendo em conta os conhecimentos adquiridos de experiência feitos pelas crianças e adultos antes de chegarem à escola. (FREIRE, 1998)

É inegável que o conhecimento é advindo da experiência acumulada ao longo do tempo, produzido a partir de vivências e convivências. As práticas de letramento, portanto, nascem a partir da interação social que começa com a família, que consideramos como

“primeira escola” e é ampliada para outros espaços maiores. Nessa perspectiva, na medida em que o educando tem acesso aos diferentes gêneros textuais, ele vai se apropriando e procurando a melhor forma para utilizá-los. Em síntese, isso é o que entendemos como produção de conhecimento e, conseqüentemente, como letramento.

Uma vez apresentado esse preliminar referencial teórico, que julgamos fundamental para estabelecer as bases epistêmicas do que defendemos e, antes mesmo de adentrarmos na temática de ampliação do repertório de letramento, trazemos um poema de nossa autoria, para ilustrar e servir de subsídio à discussão.

### **A Marisqueira**

Mais cedo começa o dia  
 Pra quem não pode esperar  
 E apressada ela ia  
 Antes do sol brilhar  
 No peito um só sentimento:  
 Encontrar o seu sustento  
 Na lama negra do Mar

As garças e saracuras  
 São a sua companhia  
 Sobrevoam e logo pousam,  
 Seus passos servem de guia  
 E aquele instinto animal  
 É o primeiro sinal  
 Pro início da pescaria

Com o cassuá carregado  
 Da fé que tem em Deus Pai  
 Segue invadindo o mangue  
 E pouco a pouco ela vai  
 Com ferro o chão cavando  
 Paciente vai juntando  
 As riquezas que extrai

Sua silhueta curva  
Em posição laboral  
Lembra o arco que dá som  
A corda do Berimbau  
Recôncavamente povoa  
Com a imagem da sua pessoa  
Uma paisagem magistral

Nos pés carrega as marcas  
Da vida atarefada  
Cada corte, cada talho  
De ostra fina amolada  
Não fere sua nobreza  
Nem subtrai a beleza  
De uma mulher honrada

Em casa os filhos menores  
Aguardam sem ter noção  
De que mamãe saiu cedo  
Para buscar o pirão  
E é o suor dessa lida  
Que dignifica a vida  
E garante a criação

Cai a tarde chega a noite  
Segue de volta pro lar  
No braseiro ferve a água  
Para os mariscos catar  
Na semana um bom punhado  
Pouco a pouco foi juntado  
Pra hora de ir mercar

Assim vão passando os dias  
Difíceis da marisqueira

Enfrentando sol e chuva  
 Defendendo sua bandeira  
 Cumprindo a dura missão  
 Mantém viva a vocação  
 Que lhe faz uma guerreira.

(Jotta Fonseca)

Esse poema – que sintetiza a labuta diária de uma figura muito presente na nossa região do Recôncavo Baiano: a Marisqueira –, traz a realidade de muitas de nossas famílias, para as quais, a lida do trabalho é a chamada “faculdade da vida”. Sim, muitos jovens, para ajudar na sobrevivência de suas famílias, encontram na mariscagem e na pescaria o seu principal sustento. Por conta das necessidades de sustento mais imediato, não raramente, deixam de frequentar a escola formal ou sequer têm a oportunidade de conhecê-la, passando a aprender as lições práticas, a partir da interação diária com o ambiente laboral. Ali, muitas perguntas são feitas, muitas dúvidas são esclarecidas, muitos conceitos são naturalmente construídos e o mundo parece começar a fazer sentido.

Tomamos o nosso J.K como exemplo! A sua primeira escola foi a “escola da vida”. Ainda aos 15 anos de idade, não tinha apoio de seus pais, por isso, ele ajudava sua avó, experiente marisqueira, e com ela aprendia sobre a fauna e a flora nativas, sobre histórias dos “mais antigos” como as lendas do Barão da Ilha de Cajaíba, conhecido como perverso com os escravizados; sobre a velha Maria do Benzê, quituteira descendente próxima de africanos; com as histórias do mestre José Aleixo da Cruz, antigo pescador que iniciou a tradicional regata de canoas que trazia pescadores de toda a região do Recôncavo para a cidade de São Francisco do Conde. Com esses contos e casos, J.K iniciou a sua formação como cidadão, na medida em que, se familiarizava com a história de sua ancestralidade, o que contribuía com a percepção de pertencimento do seu lugar.

Em que pese o talento inato do menino que trazia consigo toda uma bagagem de conhecimento adquirida até então, percebíamos que lhe faltava a oportunidade de conhecer a escola e aperfeiçoar as suas habilidades cognitivas. Foi quando então, como relatado na parte inicial desse trabalho, desafiamos o que parecia não ser possível e o matriculamos na 4ª série da modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA.

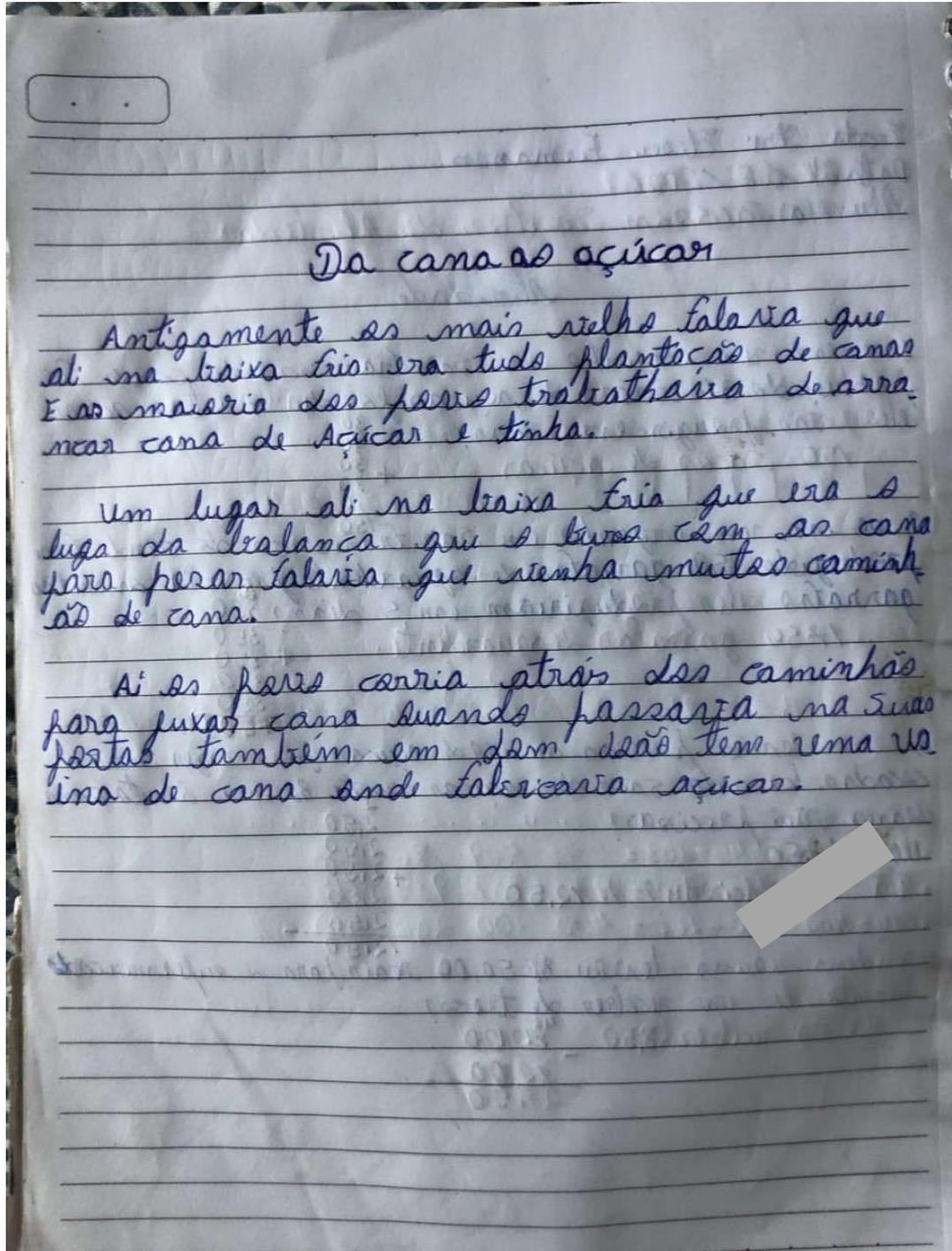
Ao acompanhá-lo nas atividades escolares sobre a história do município por

exemplo, percebi que ele de fato já conhecia muito sobre aquilo, pois relatou que a sua avó tinha lhe contado sobre fatos como esses, sobre essas figuras que eram presenças marcantes no cotidiano da cidade. Ele parecia saber muito mais do que eu.

Seu vocabulário era rico em expressões muito peculiares do dia a dia do trabalho no mangue e na lavoura, isso se deve ao fato de que, além de sua avó ser marisqueira, o seu avô materno trabalhou nas plantações de cana-de-açúcar e, embora não o tivesse *conhecido*, sabia muito sobre ele pelas histórias contadas por sua avó. Assim, naturalmente, foi adequando esse vocabulário, na medida em que ouvia as palavras, faladas em outros ambientes, como por exemplo, ele chamava de “muzual” (armadilha para capturar siris) e naturalmente aprendeu o que se chama “manzuá”. Ele falava “canaviá” e, depois, aprendeu que a palavra se escreve “canavial”. Nada foi forçoso, pois foi na medida em que conhecia cada palavra, cada expressão que ele fazia a associação ao que já expressava no seu dia a dia.

Sua primeira redação (figura 1), trabalhada em sala de aula em EJA, com tema livre, foi inclusive sobre as plantações de cana. Vejamos:

Figura 1 - Primeira redação de J.K



Fonte: fotografia própria.

Indubitavelmente, a experiência dessa “escola da vida” oportuniza a um jovem que vive nesse contexto social um verdadeiro aprendizado. Esse processo de ensino e de aprendizagem é muito diferente da forma “bancária” vista em nossas escolas, uma vez que ele é levado a refletir, a deduzir e a induzir conceitos e não apenas a decorar.

A dedução, portanto, equivale à aprendizagem e corresponde à inferência lógica

de um raciocínio que pode se realizar acerca de um dado conteúdo. Sobre isso, Vygotsky esclarece: “O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas” (VYGOTSKY, 2001, p.108). Logo, o pensar é mais do que assimilar conceitos de maneira passiva, isto é, pensar equivale a fazer relações entre o conceito e os próprios conceitos e entre os conceitos e a realidade observada nas experiências empíricas.

Isso nos remete às experiências relatadas por J.K. Ele aprendeu, a partir da mariscagem, por exemplo, a contabilizar as dúzias de ostras catadas para vender, os quilos e suas frações em gramas de camarões e peixes, também a separar as encomendas, a geometria das malhas de redes rasgadas pelas garras afiadas dos siris, que aprendeu metricamente a coser, as fases da lua e as tábuas de marés – conhecimento indispensável para a programação do dia e da hora mais favorável a pesca. Muitas pessoas passam a vida toda sem a oportunidade de conhecer sobreisso.

Para ilustrar essa nossa afirmação, trago um conto que meu pai certa vez leu para mim quando criança, de autoria do escritor colombiano Mansour Challita, falecido em 2013:

### **O Sábio e o Barqueiro**

*Um sábio atravessava de barco um rio e, conversando com o barqueiro, perguntou:*

- *Diga-me uma coisa: você sabe botânica? O barqueiro olhou para o sábio e respondeu:*

- *Não muito, senhor. Não sei que história é essa.*

- *Você não sabe botânica, a ciência que estuda as plantas? Que pena! Você perdeu parte de sua vida.*

*O barqueiro continua remando. Pergunta novamente o sábio:*

- *Diga-me uma coisa: você sabe astronomia?*

*O coitado do caixara barqueiro, analfabeto, balançou a cabeça e disse:*

- *Não senhor, não sei o que é astronomia.*

- *Astronomia é a ciência que estuda os astros, o espaço, as estrelas. Que pena!*

*Você perdeu parte da sua vida.*

*E assim foi perguntando a respeito de cada ciência: astrologia, física, química, e denada o barqueiro sabia. E o sábio sempre terminava com seu refrão: "Que pena!*

*Você perdeu parte da sua vida".*

*De repente, o barco bateu contra uma pedra, rompeu-se e começou a afundar. O barqueiro perguntou ao sábio:*

- *O senhor sabe nadar?*
- *Não, não sei.*
- *Que pena, o senhor perdeu toda a sua vida!*<sup>7</sup>

O conto nos mostra que apenas o conhecimento adquirido na escola, não é o suficiente para “garantir a vida”. Os conceitos e experiências que se ganham ao longo do tempo podem ser literalmente vitais, como foram para o humilde barqueiro.

Assim, com os relatos acima, fica demonstrada a importante influência do conhecimento prévio de mundo para a ampliação do repertório de letramento. É o que Vygotsky (1984) chama de “Zona de Desenvolvimento Proximal”, modelo em que o sujeito, mormente na infância, é reconhecido como ser pensante, participante ativo do processo educacional e social, capaz de vincular sua ação à representação de mundo que constitui sua cultura. A escola, por sua vez, constitui-se como um espaço onde este processo é vivenciado, através da interação entre sujeitos, constituindo assim a relação ensino-aprendizagem:

Gradativamente, através da interação com indivíduos mais experientes, ela vai desenvolvendo uma capacidade simbólica e reunindo-a à sua atividade prática, tornando-se mais consciente de sua própria experiência. Isto dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata. As interações da criança com as pessoas de seu ambiente desenvolvem-lhe, pois, a fala interior, o pensamento reflexivo e o comportamento voluntário (VYGOTSKY, 1984, p.101).

Estamos convictos de que, ao chegar à escola, um adolescente leva com ele toda uma bagagem de experiências e informações acumuladas, que serviram de facilitadores para seu aprendizado. O desafio maior é, pois, materializar esse conhecimento em códigos gráficos dentro de uma estrutura formal, uma vez que, em que pese o processo de interação, continuamente dará ao jovem a chance de aprender mais. Apenas esta interação não será suficiente para produzir novas mudanças, uma vez que nem sempre somente a mediação social alcança novos níveis de aquisição de conceitos, mas não podemos negar, a partir das nossas observações, que o processo de aprendizagem torna-se mais simples e quase que automático.

Como já expusemos, a interação social produz aprendizagem, mas não significa necessariamente que o conhecimento será formalizado. Nosso processo de aprendizagem

---

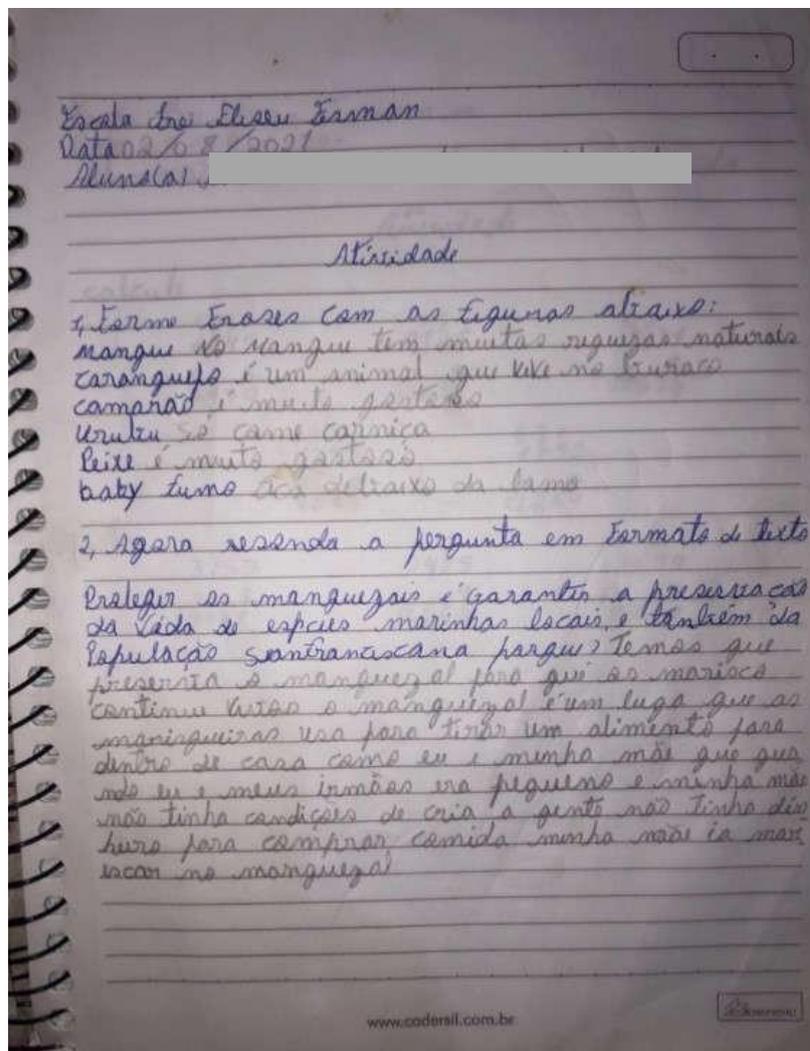
<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.rivalcir.com.br/mensagens/mens2060.html>

social é movido bem mais pela oralidade e menos pela escrita. Nesse momento, a escola e a socialização escolar exercem um papel importantíssimo, porque é fundamental que o professor tenha a humildade de buscar aprender com seu aluno, porque se ele somente ensina, não fomenta ao aluno a possibilidade de criar, ficando assim na condição de mero reproduzidor do que vê e do que ouve.

#### 4 ENTREVISTAS E MATERIAIS ESCRITOS: ANÁLISES

Uma vez matriculado em EJA, J.K passou a trabalhar em sala de aula com muito do que conheceu na escola da vida. No ambiente escolar, esse trabalho se deu de forma transversal e multidisciplinar. Assim sendo, a partir das suas experiências, ele teve a oportunidade de fazer o “casamento perfeito” entre a prática (que já dominava) e a teoria passada pelo professor. Tomamos como exemplo a atividade a seguir, que traz elementos do mar e do mangue:

**Figura 2** - Letramentos a partir do mar e do mangue



Fonte: Fotografia Própria.

Nota-se, pelo cruzamento das respostas da primeira questão (figura 01) com os relatos de vida do garoto apresentada nos capítulos anteriores, a sua facilidade em respondê-las. Isso se dá em função de que sua condição de vulnerabilidade não o privou do

conhecimento de mundo. Muito pelo contrário, as dificuldades enfrentadas levaram-no a conhecer o mundo talvez de forma ainda mais precoce. Na sequência da atividade, essa nossa constatação mostra-se ainda mais concreta quando ele responde a questão, não com um olhar ingênuo e tão somente com a sua impressão sobre o assunto abordado, mas com um relato muito pessoal da sua vida e das dificuldades que conheceu. Vejamos a transcrição:

**Pergunta:** *Proteger os manguezais é garantir a preservação das espécies marinhas locais e também da população franciscana? Por quê?*

**Resposta:** *Temos que preservar o manguezal para que os marisco continue vivos o manguezal é um lugar que as marisqueiras usa para tirar um alimento para dentro de casa como eu e minha mãe que quando eu e meus irmãos era pequeno e minha mãe não tinha condições de criar a gente não tinha dinheiro para comprar comida minha mãe ia mariscar no manguezal.*<sup>8</sup>

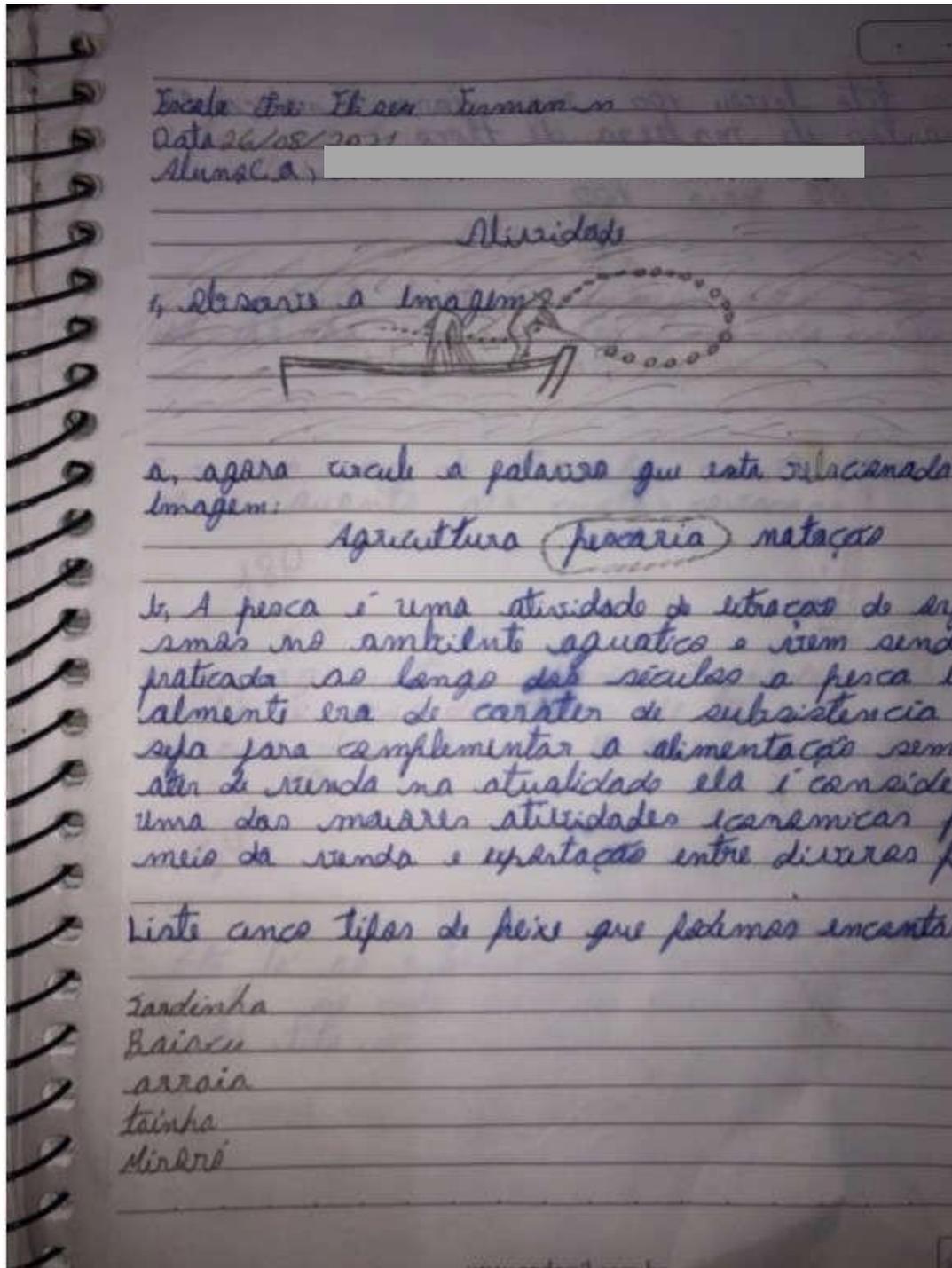
É notório, portanto, que J.K colocou-se como personagem da sua própria narrativa, buscando responder “com todas as letras” ao questionamento realizado, na medida em que depôs o quão foi importante as espécies encontradas no mangue para a sua subsistência e de sua família, uma prova inequívoca de sua capacidade interpretativa e argumentativa.

A partir da figura de número 03, trabalhada posteriormente, observamos que o texto vem ratificar aquilo colocado por J.K como experiência pessoal. Contudo, percebe-se que a informação trazida de que “antigamente a pesca era de caráter de subsistência”, na realidade, remete a um passado muito próximo em relação a ele, conforme relatos anteriores.

---

<sup>8</sup> As respostas de J.K às atividades de letramentos foram reproduzidas tais quais ele escreveu em seu original, a fim de que o seu processo de escrita possa ser acompanhado de forma mais fidedigna.

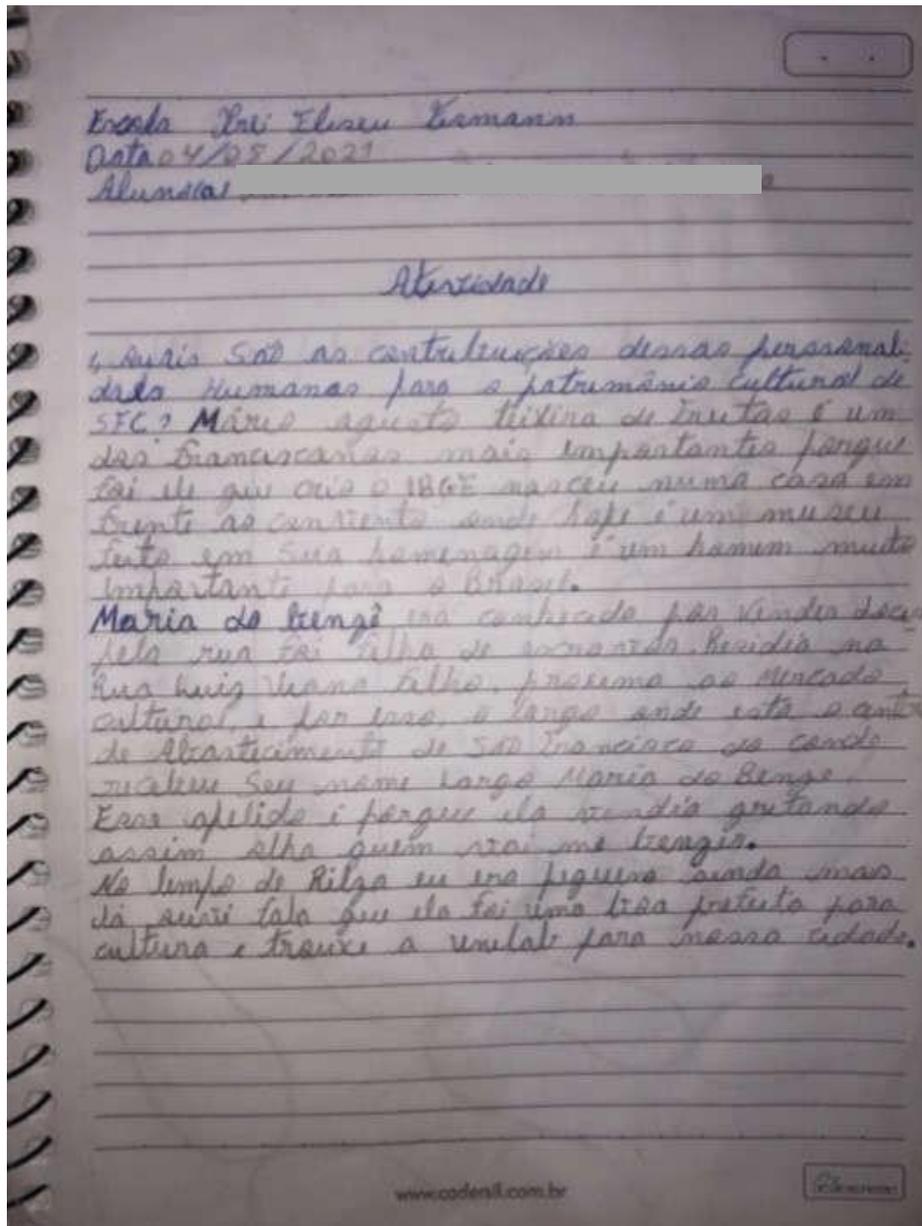
Figura 3 - Letramentos a partir da pesca



Fonte: Fotografia própria.

Sob o ponto de vista da narrativa, agora apresentamos outra atividade. Dessa vez, em que pese abordar elementos já conhecidas por ele, a partir dos casos contados por seus avós, o assunto o instigou a pesquisar mais, para construir uma resposta mais bem fundamentada— evidenciando um amadurecimento em seu processo de letramento. Vejamos a imagem:

**Figura 4** - Letramentos a partir de personalidades de São Francisco do Conde



Fonte: Fotografia própria.

Essas histórias dos franciscanos ilustres e que, de alguma forma, se destacaram na comunidade sempre foram ouvidas pelo menino. Assim sendo, na escola, a provocação dessa atividade de letramento o fez buscar, em outras fontes, mais informações sobre cada um deles. Para efeitos comparativos de seu processo de ampliação do repertório de escrita e de argumentação, segue a transcrição dessa atividade:

**Pergunta:** *Quais são as contribuições dessas personalidades Humanas para o patrimônio cultural de SFC?*

**Respostas:** *Mário Augusto Teixeira de Freitas é um dos franciscanos mais*

*importantes porque foi ele que criou o IBGE nasceu numa casa em frente ao convento onde hoje é um museu feito em sua homenagem é um homem muito importante para o Brasil.*

*Maria do Benzê era conhecida por vender doces pela rua foi filha de escravos(sic). Residia na Rua Luiz Viana Filho próximo ao mercado cultural e por isso o largo onde está o centro de abastecimento de São Francisco do Conde recebeu seu nome Largo Maria do Benzê. Esse apelido é porque ela vendia gritando assim olha quem vai me benzer.*

*No tempo de Rilza eu era pequeno ainda mas já ouvia fala que ela foi uma boa prefeita para cultura e trouxe a UNILAB para nossa cidade.*

Nesta atividade em particular, me chamou a atenção o fato de que um assunto que tratamos dias antes foi mencionado em uma de suas respostas acerca de Mário Augusto Teixeira de Freitas. J.K havia me perguntado sobre qual foi o meu primeiro emprego e eu expliquei-lhe que foi no IBGE, como supervisor do recenseamento e que trabalhei onde nasceu aquele nosso conterrâneo ilustre. Depois passei a lhe contar sobre sua importância, ao que ele me respondeu que já tinha ouvido falar, mas não sabia tanto. Isso foi gratificante, pois percebi que ele estava aproveitando, não apenas as lições trazidas pela escola e repassadas em casa, mas absorvendo as histórias – que assim como fizeram seus avós – eu também o transmitia.

Nesse ponto, é imperativo destacar que os processos de escolarização em EJA, necessariamente, devem partir da realidade vivida pelos estudantes, na direção da ampliação de seu repertório letrado. Efetivamente, partir dos conhecimentos prévios dos alunos – tal como preconizado por Vygotsky – deve ser premissa da educação de maneira geral, na medida em que os estudantes são sujeitos, com histórias situadas em um dado tempo e em dada sociedade. O que aqui se pretende destacar é que no caso de EJA essa situação é condição necessária para que o processo de ensino e de aprendizagem de leitura e de escrita aconteça.

Essa troca de experiências entre a vida real de J.K e os conteúdos previstos pela atividade escolar pode ser percebida também na atividade a seguir, reproduzida por meio da figura 5:



*de minha casa no mato arrancar a folha da taioba ai meu tio pegou e cortou ela todinha lavou e ferventou e depois botou no fogo com tempero camarão e fez a moqueca.*

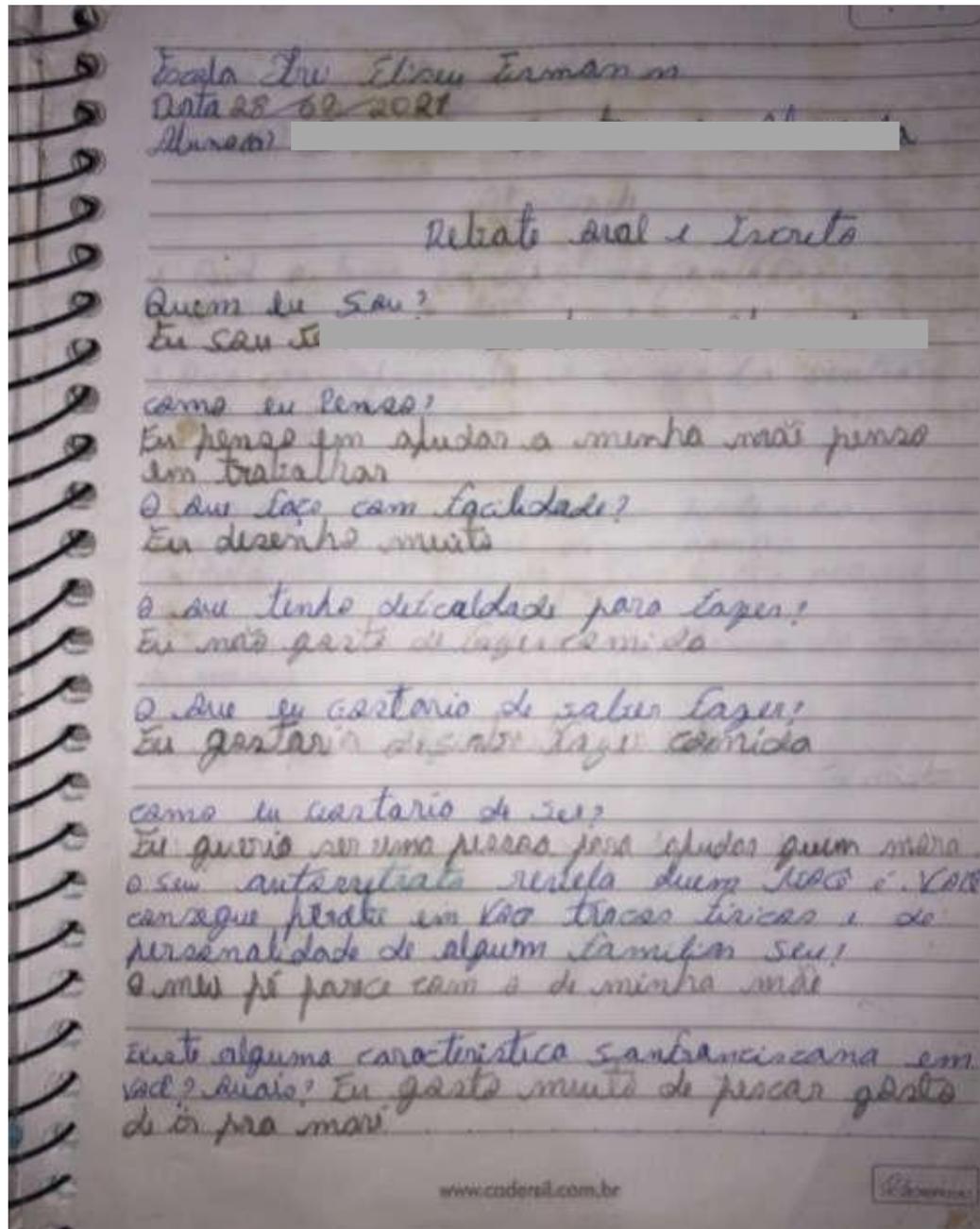
Sobre essa atividade, algumas observações importantes não que ser colocadas: o enunciado da questão pedia apenas a receita de uma culinária alternativa, ele, porém pôs-se a narrar toda a experiência que fizemos. O “tio” a que ele se refere sou eu. Quando me pediu para ajudá-lo (pois, nas palavras dele, ele não entendia nada de cozinha), convidei a aventurar-se comigo no preparo de uma “moqueca de taioba”, cuja receita a minha mãe fazia quando eu era pequeno. Achei interessante partilhar com ele essa minha memória, aproveitando a atividade escolar. Outra coisa que é preciso registrar é que o J.K desenha muito bem! Por isso, em geral, as suas atividades são ilustradas com seus desenhos – traremos mais alguns nos anexos finais.

Diante de todo o exposto até aqui, nesse capítulo, concluímos que a ideia de letramentos adquiriu outra dimensão, em função das necessidades de adaptações sociais. Portanto, compreendemos que “alfabetizado” não é apenas aquele que tem o domínio do nosso sistema de escrita e é capaz de ler e de escrever. O mais importante, de fato, é que a pessoa seja capaz de se utilizar dessa capacidade como prática social, para que atenda as suas necessidades no meio em que convive.

#### 4.1 LETRAMENTOS E ENTREVISTAS COM J.K

A proposta dessa subseção é a de apresentarmos duas entrevistas realizadas com o J.K, a fim de observar o seu processo de evolução e sua autopercepção quanto a seu processo de escolarização. A primeira, reproduzida por meio da figura 06, foi proposta pela própria escola Frei Elizeu, como atividade:

Figura 6 - Entrevista com J.K



Fonte: Fotografia Própria.

A fim de facilitar a análise, essa entrevista será transcrita a seguir:

### **Debate oral e escrito**

**Quem eu sou?**

R: Eu sou J.K

***Como eu Penso?***

*R: Eu penso em ajudar a minha mãe penso em trabalhar*

***O que eu faço com facilidade?***

*R: Eu desenho muito*

***O que eu tenho dificuldade para fazer?***

*R: Eu não gosto de fazer comida*

***O que eu gostaria de saber fazer***

*R: Eu gostaria de saber fazer comida*

***Como eu gostaria de ser?***

*R: Eu gostaria de ser uma pessoa para ajudar quem mora na rua*

***O seu auto-retrato revela quem você é. Você consegue perceber em você traços físicos e de personalidade de algum familiar seu?***

*R: O meu pé parece com o de minha mãe*

***Existe alguma característica sanfranciscana em você? Quais?***

*R: Eu gosto muito de pescar gosto de ir pra maré.*

A entrevista acima foi uma atividade constituída de duas partes: uma escrita e outra em vídeo. A parte em vídeo, infelizmente, não pode ser colocada neste trabalho, com o intuito de resguardar a identidade de J.K. Ela foi proposta como tarefa para ser realizada em casa, durante o período de ensino remoto provocado pelo necessário isolamento social em função da pandemia de covid-19.

Importante observar que esta atividade consegue extrair do estudante um pouco da sua essência. Desse modo, ele realiza comparações com os seus iguais, isto é, com as pessoas com quem conviveu, especialmente na atividade pesqueira. Isso ficou evidenciado, sobretudo, na última resposta, quando coloca como “característica franciscana” o fato de gostar de pescar e ir à maré, que são práticas de muitas pessoas com quem ele conviveu e convive.

Outra resposta que nos chamou a atenção foi referente à pergunta: “Como eu

gostaria de ser?” Nesse ponto, J.K afirma que desejava ajudar a quem mora na rua, o que aponta para uma atitude de quem demonstra uma personalidade multiplicadora, desejoso em melhorar a situação de pessoas que como ele enfrentaram situações difíceis na vida.

A próxima entrevista (com transcrição fiel das falas) foi realizada por mim, em outubro de 2021, após uma conversa com J.K que me autorizou a fazer a gravação para posterior transcrição. A intenção foi a de coletar informações do próprio J.K, que sempre se mostrou um garoto muito sincero, para compreender as razões da sua dificuldade em permanecer na escola. Por outro lado, é também propósito avaliar a sua percepção da escola, uma vez matriculado em EJA, após alguns anos sem frequentar a sala de aula.

***J.K, sua mãe sempre matriculou você na escola?***

*R: Matriculava sim todo ano.*

***E você ficava até o final do ano letivo estudando?***

*R: Que nada, não ficava nem até o São João.*

***Qual era a sua impressão sobre os estudos? Você achava importante estudar?***

*R: Que nada, pra mim estudar não tinha importância nenhuma, eu pensava assim: pra que estudar se a gente vai morrer?*

***Porque você não conseguia ficar na escola J.K?***

*R: Eu até ficava, mas não entendia nada, só ficava mais porque da merenda, tinha dia que lá em casa não tinha nada e eu ia pra merendar, mas eu ficava mais abusando os colegas do que na sala.*

***Abusando como assim?***

*R: Abuzando mesmo, batendo, dando cascudo<sup>9</sup>, riscando caderno, chega a diretora me expulsar da escola.*

***Você já foi expulso da escola?***

*R: Já sim.*

---

<sup>9</sup> Cascudo é um tapa na cabeça com a mão fechada, aplicado geralmente por crianças em outras crianças como forma de castigo ou reprimenda.

***Por qual motivo?***

*R: Uma vez fui expulso porque eu perguntei a professora se ela ia me passar e ela disse quenão, aí eu taquei a cadeira nela, aí fui expulso.*

***E a direção da escola chamava seus pais para comparecerem na escola?***

*R: Chamava, mais eles tava nem ai, só minha mãe que já foi umas vezes. Meu pai vivia brigando com minha mãe, já foi preso...*

***Preso? Como assim?***

*R: Preso pelos polícia.*

***Mas por qual motivo?***

*R: [Silêncio, olhos marejados.]*

***Deixa prá lá. E vem cá, quando você ficava em casa, o que costumava fazer?***

*R: Ficava preso.*

***Preso? Preso como?***

*R: Minha mãe saia para fazer algum trabalho ou no tempo que ela estudava e trancava a porta para eu e meus irmãos não sair, era um calor danado e quando ela chegava e eu tava sem camisa porque da quentura ainda me batia, ó paí que onda!?*

***Sua mãe estudava?***

*R: Ela estudou até a 4ª série*

***E ela sabe ler e escrever?***

*R: Que nada. Ela só sabe mesmo assinar o nome*

***E seu pai estudou até que série***

*R: Acho que meu pai nunca foi na escola, porque ele não sabe ler nem escrever*

***Seu pai já lhe ensinou alguma coisa***

*R: Só a pescar, quando era pequeno ele me levava as vezes*

***Então sua mãe não deixava você sair de casa nunca?***

*R: Só quando minha avó me chamava pra ir pro mangue ou quando eu pegava a canoa demeu tio pra ir pescar, aí mainha gostava porque eu trazia um bocado de coisa pra casa (risos)*

***Que coisas?***

*R: Oux! Um bocado de coisas, siris, ostras, sururus, caranguejo, armava ratoieira<sup>10</sup> pra pegarguaiamus. Levava até peixes de vários tipos quando pegava a canoa*

***E você também vendia?***

*R: Muito não que mainha não deixava porque eu gastava com merenda. Eu levava mais pra casa pra ela. Você se lembra uma vez que eu estava com Patrick<sup>11</sup> e ele me levou primeira vez em sua casa que eu tava com uma corda de guaiamu? Foi ele que pediu para levar para você comprar (risos).*

***Lembro sim. J.K., mudando um pouco de assunto. E agora? O que você está achando da escola e das aulas?***

*R: Não vou mentir não, no início eu estranhei, eu achava que as professoras iam “botar ranço” porque eu aprontei muito, mas eu acho que porque o senhor conversou com a diretora ela deve ter falado com as prós e tão me tratando bem até demais (risos).*

***Você está conseguindo ficar mais concentrado nas aulas***

*R: Oux, demais! Depois das ideias que o senhor me deu eu parei pra pensar, perdi muito tempo mesmo.*

***E não dá vontade de abusar seus colegas, não?***

*R: Que nada, nem se eu quisesse nem dava porque nesse negócio de EJA não tem guri na sala assim não, só tem uns 3 da minha faixa, o resto é tudo mais velho, tem até pai e mãe de família, já fiquei até com a filha de uma colega minha da sala o paí! (risos).*

***Você está conseguindo acompanhar as explicações?***

*R: Estou sim e quando não entendo eu pergunto aí se não entender mesmo eu não pergunto*

---

<sup>10</sup> Ratoeira: espécie de armadilha para capturar guaiamus, crustáceo terrestre semelhante ao caranguejo.

<sup>11</sup> Patrick: Filho biológico de José Raimundo e amigo de infância de J.K

*mais não pra não dizer que sou burro.*

***E o que você faz nesses casos?***

*R: Tiro a dúvida com o senhor em casa ué.*

***Por falar nisso, o que você está achando das aulas de reforço em casa?***

*R: Não vou mentir não, se o senhor não me ajudasse explicando os assuntos em casa não sei se eu ia conseguir entender tudo não viu, porque eu não gosto de ficar perguntando lá toda hora. O senhor tem mais paciência comigo, parece até que o senhor é professor (risos).*

Ao avaliar as respostas de J.K e até mesmo as suas expressões ao responder com tranquilidade e descontração as perguntas, ficou nítida a sua evolução, não só como estudante, mas como pessoa. Ao falar sobre os momentos difíceis que atravessou, não escondeu em nenhum momento o amor e o respeito pela sua família, bem como a gratidão pelos ensinamentos que recebeu, sobretudo na atividade de mariscagem e pesca, que ele já havia expressado ser uma grande paixão.

Nota-se nitidamente que o ingresso na EJA lhe deixou bastante motivado a estudar. O acompanhamento dos seus passos na escola, realizado com o reforço em casa, foi apontado por ele como fundamental para a fixação dos assuntos abordados em sala de aula. Seus conceitos sobre a escola, portanto, mudaram e agora ele a vê de fato como um instrumento de mudança de vida. Isso ficou muito claro na resposta sobre qual era a importância dos estudos para ele (antes do ingresso em EJA), ao que respondeu: “*eu pensava assim: pra que estudar se a gente vai morrer?*”. Evoluindo para um nível de maturidade tal que lhe fez chegar à seguinte conclusão: “*Depois das ideias que o senhor me deu eu parei pra pensar, perdi muito tempo mesmo.*”

#### 4.2 ENTREVISTA COM PROFESSORAS E DIRETORAS

Neste subcapítulo, apresentamos uma amostra das entrevistas realizadas entre os meses de maio a julho de 2022 com profissionais da educação que conviveram com J.K, antes e depois do seu ingresso em EJA. A realização dessa pesquisa foi motivada em função das conversas informais, porém enriquecedoras, que mantivemos com essas pessoas, visando monitorar o desempenho do garoto. Julgamos importante, para mensurar o seu

nível de desenvolvimento como aluno, o cruzamento do seu depoimento pessoal com o dos atores que estavam do outro lado, no papel de educadores. Assim sendo, a comparação desses diferentes olhares deram o tom das perguntas que, por uma questão de logística foram elencadas no formato de questionário, de igual teor.

A primeira das entrevistas é com a Professora Crislane Sena, que trabalhou com J.K na Escola Frei Elizeu Eismann, mas que atualmente leciona na Escola Iromar Silva Nogueira, Bairro do Caípe em São Francisco do Conde. Crislane hoje reside na cidade de Madre de Deus, onde fomos encontrá-la para a coleta das informações.

A segunda entrevista foi realizada com a Professora Tatiane de Menezes, coordenadora pedagógica da Escola Frei Elizeu Eismann. O acesso à escola e a seus funcionários se deu com a autorização expressa da Diretora da Unidade, Professora Daniela Bispo dos Reis, com quem sempre manteve contato no acompanhamento do processo de reinserção ao ambiente escolar de J.K. O questionário inicialmente foi direcionado para esta Diretora, que por questões pedagógicas delegou à coordenadora pedagógica da unidade para que respondesse.

A terceira e última entrevista foi direcionada à professora Margarete Botelho, pedagoga que atualmente exerce suas atividades laborais na escola Monteiro Lobato da rede pública deste município. A escolha desta profissional teve uma motivação especial, pois além de acompanhar parte da trajetória de J.k dentro da escola, também acompanhou fora dela, uma vez que, por ser moradora do município, era uma das pessoas que o observava nas ruas e procurava aconselhá-lo para o melhor caminho.

**Figura 7 - Entrevista com a professora Crislane Sena<sup>12</sup>**

  
**UNILAB**  
 UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
 INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – CAMPUS DOS MALÉS

**Trabalho de Conclusão de Curso – TCC**  
 Discente: José Raimundo Fonseca de Souza

**ENTREVISTA**

Entrevistada: Crislane Sena

Função: Professora P.T.

Escola: Fnei Galileu Galilei

Quando  foi matriculado e iniciou suas atividades, lembra-se em que série foi?

R: Não, porém lecionei para ele no 4º e 5º ano e também na EJA.

No início como ele se comportava?

R: O educando apresentava um comportamento indisciplinado, não possuía uma escuta atenta, demonstrava agressividade com os colegas de sala.

Ele conseguia se concentrar nas aulas?

R: O educando demonstrava diversas dificuldades de aprendizagem, tanto comportamental, quanto de leitura e escrita.

Fonte: própria.

Para facilitar o processo de análise das repostas da professora de J.K, a entrevista será transcrita a seguir:

***Quando J.K foi matriculado e iniciou suas atividades, lembra-se em que série foi?***

***R: Não, porém lecionei para ele no 4º e 5º ano e também na EJA.***

<sup>12</sup> Com efeito ilustrativo, a primeira página das entrevistas será aqui reproduzida. Para a necessária análise, as entrevistas serão transcritas na íntegra. Além disso, nos anexos, é possível encontrar todas as imagens referentes às entrevistas com as profissionais de educação.

***No início como ele se comportava?***

*R: O educando apresentava um comportamento indisciplinar, não possuía uma escuta atenta, demonstrava agressividade com os colegas de sala.*

***Ele conseguia se concentrar nas aulas?***

*R: O educando demonstrava diversas dificuldades de aprendizagem tanto comportamental, quanto de leitura e escrita.*

***J.K conseguia ter uma boa relação com professores e alunos?***

*R: Às vezes sim, porém o mesmo não gostava de ser contrariado.*

***A que você atribuiria esse comportamento dele? E se tinha dificuldade de aprendizado qual seriam os motivos na sua opinião?***

*R: Era notório que J.K não sentia-se pertencente ao ambiente escolar e mesmo utilizando afetividade com ele muitas vezes ele negava essa recíproca. Por isso atribuo o comportamento dele a questões familiares.*

***Os pais visitavam frequentemente a escola para saber do seu filho?***

*R: Somente quando eram chamados*

***Ao retornar a frequentar a escola, dessa vez matriculado em EJA, você percebeu o interesse dele em estudar?***

*R: O educando no início das aulas mostrava-se retraído, porém depois de alguns dias começou a ficar cada vez mais interessado.*

***Percebeu mudanças em seu comportamento? Quais?***

*R: Sim, em todos os aspectos, ele avançou na aprendizagem em menos de dois meses, demonstrava afetividade com os colegas e profissionais da escola.*

***J.K realizava as atividades direitinho ou não as fazia?***

*R: Realizava todas as atividades*

***Se houve, a que você atribui essa mudança de comportamento do J.K?***

*R: Ao assistencialismo e acolhimento que o educando estava recebendo dentro e fora da*

*escola*

***Você o considera um aluno interessado?***

*R: Sim*

***Percebeu se antes mesmo de frequentar a escola, ele já tinha um conhecimento de mundo que favorecia o seu aprendizado?***

*R: Sim, J.K possui diversas habilidades fantásticas, entre elas está a capacidade de realizar desenhos maravilhosos*

***Essa mudança de comportamento, você acha que refletiu no comportamento de sua mãe?***

*R: Acredito que sim.*

***Espaço para algum comentário que julgar salutar:***

*R: Todo sujeito é passivo de mudança a partir da valorização e cuidado que o próximo demonstra ter com o mesmo. Parabéns! Por acreditar...*

Na análise do depoimento da Professora Crislane, podemos colher informações que dão sentido às respostas de J.K na sua entrevista. Por não se sentir confortável e/ou pertencente àquele mundo, ele se comportava com agressividade com os colegas e não conseguia manter-se atento em sala de aula. Já em um segundo momento, dessa vez experimentando os letramentos em EJA, as mudanças comportamentais foram nitidamente percebidas pela docente que atribui isso ao acolhimento recebido pelo garoto em casa e na escola. Essa mudança refletiu em um tratamento recíproco dele para com os colegas e profissionais da educação. Importante também destacar a observação feita pela professora, reconhecendo habilidades que J.K já possuía antes mesmo do ingresso na escola formal, como o desenho.



***No início como ele se comportava?***

*R: Era um pré-adolescente agressivo nas palavras respondia de modo agressivo tanto aos adultos como aos seus próprios colegas ele não realizava as atividades, gostava do fundo da sala.*

***Ele conseguia se concentrar nas aulas?***

*R: Os professores por diversas vezes falava no conselho de classe que ele não fazia as atividades, ficava sempre disperso, já ocorreu de eu ter que retirar o aluno da classe, pois além de ele não fazer ele arrumava um jeito de tirar a atenção dos colegas. O caderno dele geralmente estava em branco. Ele gostava muito de desenhar.<sup>13</sup>*

***J.K conseguia ter uma boa relação com professores e alunos?***

*R: Era muito de momento, ele, por exemplo, gostava muito da professora Denise, porém se ela dissesse algo que ele não gostasse ele era agressivo e as vezes não deixava ela dar aulas*

***A que você atribuiria esse comportamento dele? E se tinha dificuldade de aprendizado quais seriam os motivos na sua opinião?***

*R: Ele vinha de casa cheio de mágoas, já presenciamos ocorrências da genitora comparecer a escola, agredi-lo verbalmente (não permitíamos) notávamos que ele estava sem almoçar. Acho que as dificuldades na aprendizagem eram relacionadas as questões sócio-emocionais e familiares.*

***Os pais visitavam frequentemente a escola para saber do seu filho?***

*R: Não. A frequência da mãe geralmente era relacionada a algum tipo de reclamação.*

***Ao retornar a frequentar a escola, dessa vez matriculado em EJA, você percebeu o interesse dele em estudar?***

*R: Sim. J.K mudou significativamente, sendo aluno da EJA era mais dedicado, participativo.*

---

<sup>13</sup> O fato de gostar de desenhar foi seguidas vezes mencionado nesse trabalho. Nos anexos, traremos alguns desenhos produzidos por J.K.

***Percebeu mudanças em seu comportamento? Quais?***

*R: Muitas foram as mudanças, sendo elas realização nas atividades, participação oral nas aulas, escrita, colaboração, conversava com os colegas da turma SORRIA. O grande ganho foi o sorriso.*

***J.K realizava as atividades direitinho ou não as fazia?***

*R: Fazia e ainda tirava dúvidas, fazia perguntas e contribuía com as aulas expondo seus conhecimentos sobre diversos assuntos*

***Se houve, a que você atribui essa mudança de comportamento do J.K?***

*R: 2 fatores fundamentais os quais dissociados não teriam a devida eficácia:*

*1-Mudança de vida familiar, ele saiu do meio familiar que o oprimia.*

*2-A escola estava da forma que atendia aos seus desejos a EJA era a sua realidade*

***Você o considera um aluno interessado?***

*R: Hoje sim, depois da educação de jovens e adultos*

***Percebeu se antes mesmo de frequentar a escola, ele já tinha um conhecimento de mundo que favorecia o seu aprendizado?***

*R: Sim. Ele já tinha boas argumentações durante os temas polêmicos discutidos nas classes*

***Essa mudança de comportamento, você acha que refletiu no comportamento de sua mãe?***

*R: Não sei (Prefiro não comentar sobre)*

***Espaço para algum comentário que julgar salutar:***

*A Escola é o espaço não apenas da educação formal. É o espaço onde os indivíduos aprendem durante a socialização, é carregada de valores, cultura, onde seus profissionais criam um ambiente de carinho e respeito.*

Dos relatos anteriores colhidos do próprio J.K, ouvimos que o seu pai não frequentou a escola e sua mãe mal sabia assinar o próprio nome. Além disso, ele nos demonstrou quão difícil eram as condições do seu núcleo familiar, cujos pais eram desempregados, dando pistas do que a coordenadora vem abordar nas suas respostas de

que inclusive percebia que ele chegava na escola com fome. O cruzamento desses depoimentos nos faz concluir que o comportamento agressivo do garoto é uma consequência do processo de exclusão social a que esteve submetido, não só ele, mas toda a sua família, provocando assim uma reação de sofrimento em cadeia transmitida por gerações.

Outro ponto que nos chamou a atenção nesta entrevista e que também fora mencionada nas demais, é o desinteresse de J.K em realizar as tarefas da escola. Constatamos, pois, que essa resistência à ampliação do seu repertório de letramento se deve ao fato de o aluno não se sentir atraído pelo que lhe era ofertado, vez que tais conteúdos eram distantes da sua realidade. Ao contrário desta constatação, percebemos o quanto foi produtiva a sua participação enquanto aluno da EJA, na relação com seus colegas, levando para dentro da escola elementos que já conhecia lá de fora, trazendo relatos de suas experiências, questionando, interagindo...

Quando a entrevistada chama a atenção de que um dos fatores importantes para a mudança do seu comportamento estava relacionado à questão de o jovem ter se encontrado naquela modalidade de ensino que se adequava a sua realidade, entendemos o quanto a EJA, enquanto política pública, contribui para a mudança de hábitos e de atitudes, tornando pessoas que viviam ofuscadas pelas cortinas da exclusão social, agora visíveis e destacadas pelos seus gestos, ações e contribuições. Esse momento de mudanças na sua relação com a escola foi muito bem sintetizado pela entrevistada quando disse que o maior ganho de J.K foi a volta do SORRISO ao seu semblante, como sinal de que as coisas estavam caminhando no sentido certo.

**Figura 9** - Entrevista com a vice-diretora Margareth Botelho

**UNILAB**  
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – CAMPUS DOS MALÉS

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
Disciplin.: José Raimundo Fonseca de Souza

ENTREVISTA

Entrevistada: Margareth Santos Botelho  
 Função: Vice-Diretora  
 Escola: Unilab Lábato

Quando foi matriculado e iniciou suas atividades, lembra-se em que série foi?  
 R: 3º Ano da professora Denise

No início como ele se comportava?  
 R: Ele era um menino sem estímulo nenhum, só fazia dormir no fundo da sala, demonstrando bastante cansado e sujo.

Ele conseguiu se concentrar nas aulas?  
 R: De maneira alguma conseguiu se concentrar, ficava cochilando muito durante o tempo da sala várias vezes, chamando muito atenção.

Fonte: própria.

De igual sorte, a entrevista com vice-diretora também será transcrita para favorecer a sua análise.

***Quando J.K foi matriculado e iniciou suas atividades, lembra-se em que série foi?***

*R: 3º Ano da professora Denise.*

***No início como ele se comportava?***

*R: Ele era um menino sem estímulo nenhum, só fazia dormir no fundo da sala, demonstrando bastante cansado e sujo.*

***Ele conseguia se concentrar nas aulas?***

*R: De maneira alguma conseguia se concentrar, ficava inquieto, muito agitado, saindo da sala várias vezes, chamando muito atenção.*

***J.K conseguia ter uma boa relação com professores alunos e funcionários?***

*R: infelizmente a relação entre o corpo discente e docente era de péssima qualidade, sempre procurava alguma agonia para cair fora da escola, sem condições nenhuma de manter ele presente*

***A que você atribuiria esse comportamento dele? E se tinha dificuldade de aprendizado qual seriam os motivos na sua opinião?***

*R: Tudo isso era por falta de apoio familiar, a mãe e o padastro eram muito descontrolados, não sabia educar de maneira alguma. Ele também nunca teve um bom aprendizado por falta de apoio, isso tudo influenciava.*

***Os pais visitavam frequentemente a escola para saber do seu filho?***

*R: Quando apareciam na escola só era para falar mal que não prestava, sempre colocando para fora de casa, que iria entregar ao conselho tutelar.*

***E se visitavam, iam os dois a escola? O pai e a mãe?***

*R: Sempre iam a mãe e o padastro, só para chamar atenção.*

***Ao retornar a frequentar a escola, dessa vez matriculado em EJA, você percebeu o interesse dele em estudar?***

*R: J.K mudou muito, começou a frequentar as aulas, fazia suas atividades com o apoio do rapaz que começou a cuidar.*

***Percebeu mudanças em seu comportamento? Quais?***

*R: O comportamento era outro, ele se tornou outro menino, totalmente equilibrado.*

***Se houve, a que você atribui essa mudança de comportamento do J.K?***

*R: Esse comportamento foi quando ele encontrou uma pessoa que ajudou, acreditou mesmo sabendo de seus defeitos*

***J.K realizava as atividades direitinho ou não as fazia?***

*R: Ele começou a se concentrar até ajudando o colega durante as realizações.*

***Você o considera um aluno interessado?***

*R: Hoje considero um aluno renovado, que busca melhorar de vida.*

***Percebeu se antes mesmo de frequentar a escola, ele já tinha um conhecimento de mundo que favorecia o seu aprendizado?***

*R: Depois que houve parceria entre família e escola a realidade foi outra.*

***Essa mudança de comportamento, você acha que refletiu no comportamento de sua mãe?***

*R: Hoje a mãe passou a acreditar mais nele, não fica mais falando do filho ondeanda.*

***Espaço para algum comentário que julgar salutar:***

*R: Hoje quando vejo J.K dando conselho ao amigo, dizendo que aquela vida não lhe pertence. Mexe com moto, carro, dirige carro, navega barco... E o mais importante disso tudo é ver ter sua barbearia, tendo compromisso. E mesmo trabalhando vai a escola a noite e cuida de sua atividade. Segundo Paulo Freire “A escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Onde a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar. Sendo assim, J.K continua em busca de seus sonhos, acreditando em dias melhores, sendo incentivado em casa, tem auxílio em suas tarefas escolares, a pessoa está sempre no seu pé, mostrando a importância do aprendizado a tendência é que ele tenha um bom rendimento.*

Esta última entrevista traz informações muito próximas das anteriores. Entretanto, em que pese o efeito cascata gerado pela exclusão social ter uma tendência multiplicadora negativa, a evolução do jovem que se encontrou a partir da exitosa relação entre família e escola em EJA, também desencadeou um efeito multiplicador, porém positivo. Assim sendo, a partir da leitura do relato da Professora Margarete Botelho, observamos que o J.K não aprendia só para ele, mas compartilhava conhecimentos com os seus pares, tal como dantes, em que adquiria conhecimentos com seus avós na lida da maré e do mangue. Agora também trocava experiências com os seus colegas e, até mesmo, dava conselhos aos seus amigos (de fora da escola) que ainda não tiveram a oportunidade de retornar para a sala de

aula.

A entrevistada, como dito em linhas acima, além de conviver com J.K na escola, também reside bem próximo da casa onde hoje ele mora. Assim, ela menciona, com satisfação, a disposição do jovem em trabalhar na sua barbearia e ainda em ir para a escola à noite – um sinal inequívoco de que J.K tem procurado, além de estudar, exercer uma atividade remunerada que ajude a custear pequenas despesas, exercitando, assim, a sua condição de cidadão que tem direitos e responsabilidades.

#### 4.3 IMPRESSÕES DE JOSÉ RAIMUNDO ACERCA DO INCENTIVO AOS ESTUDOS

No transcurso desta fase de readaptação do J.K à escola, um fator foi de suma importância para o seu sucesso: o acompanhamento próximo e individualizado. Isso ficou evidente quando ele menciona na sua segunda entrevista (p.45): *“Não vou mentir não, se o senhor não me ajudasse explicando os assuntos em casa não sei se eu ia conseguir entender tudo não viu, porque eu não gosto de ficar perguntando lá todahora. O senhor tem mais paciência comigo, parece até que o senhor é professor (risos)”*.

A escola faz o seu papel, mas ela não consegue ser onisciente e onipresente na vida destes alunos que vivem situações tão complicadas. Portanto, ficamos convictos durante esse processo de que estar próximo, passar confiança, segurança, carinho e mostrar-se como companheiro e sempre disponível, foi decisivo para a mudança de hábitos e para que o garoto começasse a olhar o mundo com outros olhos.

Usamos, como estratégia, o reforço das atividades em casa. Dedicamos um tempo todos os dias para repassar os assuntos abordados em sala de aula e, buscamos atividades sobre o tema para fazer junto com ele. Ao verificar o caderno, o chamávamos para conversar de forma tranquila e descontraída a fim de fazer a verificação de aprendizagem em formato de “bate papo” e, percebidas as suas maiores dificuldades e dúvidas, passávamos a explicá-las. A proposta era a de sempre procurar relacionar os assuntos trabalhados com situações cotidianas, com personagens da vida real, para melhor fixação do conteúdo.

Para além, das atividades de acompanhamento dos assuntos, fizemos também visitas periódicas à escola, para tomarmos informações do seu progresso. No período de pandemia, quando das aulas remotas, estivemos atentos para o seu acompanhamento no celular. Em síntese, ele sempre se mostrava muito pontual às aulas e revelou-se muito participativo na sala de aula virtual, fazendo questão de fotografar as atividades, enviar ao grupo e aguardar o “*feedback*” da professora.

A seguir, seguem algumas atividades de reforço aplicadas em casa:

**Figura 10** - Atividades feitas em casa

69

## BOM CONSELHO

*Vicente Guimarães*

**PRUDÊNCIA, CALMA, ATENÇÃO.  
QUANDO A RUA ATRAVESSAR  
OLHE COM ANTECIPAÇÃO  
SE ALGUM CARRO VAI PASSAR.**

**É DE SEU PRÓPRIO INTERESSE  
SEGUIR SEMPRE ESTE CONSELHO:  
AS RUAS NUNCA ATRAVESSE  
ESTANDO O SINAL VERMELHO.**



*Atenção - Antecipação,  
conselho - Vermelho.*

2) FAÇA A SEPARAÇÃO DE SILABAS DAS PALAVRAS ABAIXO E CLASSIQUE-AS:

**MONOSSÍLABAS** - PALAVRAS COM APENAS UMA SÍLABA. EX.: DE

**DISSÍLABAS** - PALAVRAS COM DUAS SÍLABAS. EX.: VOCÊ

**TRISSÍLABA** - PALAVRAS COM TRÊS SÍLABAS. EX.: PEDESTRES

**POLISSÍLABAS** - PALAVRAS COM QUATRO SÍLABAS OU MAIS. EX.: SEGURANÇA

PALAVRAS	SEPARAÇÃO DE SÍLABAS	Nº DE SÍLABAS	CLASSIFICAÇÃO
VERMELHO	VER-ME-LHO	3	TRISSÍLABA
SINAL	<i>Si-Nal</i>	2	<i>Dissílabas</i>
ATRAVESSAR	<i>A-TRA-VES-SAR</i>	4	<i>Polissílabas</i>
VAI	<i>VAI</i>	1	<i>monossílabas</i>

Fonte: Fotografia Pessoal

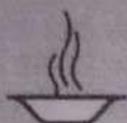
Figura 11 - Atividades feitas em casa

1) LEIA OS LOGOTIPOS ABAIXO E DEPOIS RESPONDA AS ALTERNATIVAS SEGUINTE:

## 8 JEITOS DE MUDAR O MUNDO



1



ACABAR COM A FOME E A MISÉRIA

2



EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE PARA TODOS

3



IGUALDADE ENTRE SEXOS E VALORIZAÇÃO DA MULHER

4



REDUZIR A MORTALIDADE INFANTIL

5



MELHORAR A SAÚDE DAS GESTANTES

6



COMBATER A AIDS, A MALARIA E OUTRAS DOENÇAS

7



QUALIDADE DE VIDA E RESPEITO AO MEIO AMBIENTE

8



TODO MUNDO TRABALHANDO PELO DESENVOLVIMENTO

A) VOCÊ CONCORDA QUE ESSAS 8 ATITUDES SÃO SUFICIENTES PARA MUDAR O MUNDO? POR QUÊ?

*Não pq a aids tem muito mais para se fazer*

---

B) QUAL O LOGOTIPO REPRESENTA A EDUCAÇÃO? ESCREVA ABAIXO A FRASE ESCRITA NESTE.

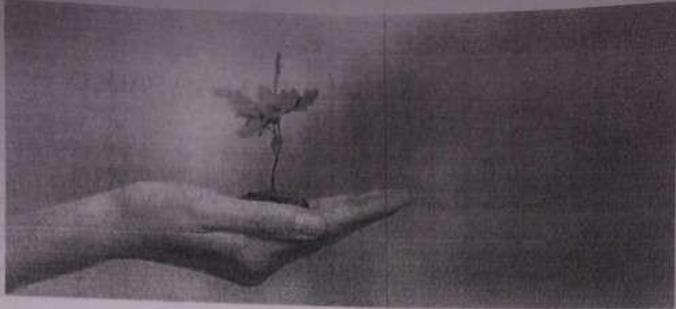
*Educação Básica de qualidade para todos*

*2*

Fonte: Fotografia Pessoal

**Figura 12** - Atividades feitas em casa

**VIVA A NATUREZA!**



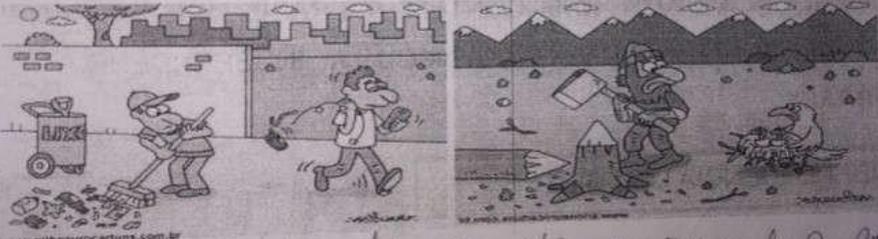
1) ESCREVA TRÊS FRASES COM ATITUDES QUE DEVEMOS TER PARA PRESERVAR A NATUREZA.

*Não deixemos lixo lixo no chão*

*Não deixemos conta as aves*

*Não deixemos lixo lixo na floresta*

2) OBSERVE AS IMAGENS ABAIXO E PRODUZA UM PEQUENO TEXTO FALANDO SOBRE ATITUDES QUE DEGRADAM O MEIO AMBIENTE.



*O homem está limpando a rua e o outro  
joga o lixo no chão.*

*O homem está cavando a terra e o outro  
passarinho veio com o milho que ele derrubou*

Fonte: Foto Pessoal

As atividades acima são alguns exemplos das que foram aplicadas em casa acompanhando o programa oferecido pela escola<sup>14</sup>. Tratou-se de uma tentativa de fixar

<sup>14</sup> Ao final deste trabalho, nos anexos, traremos mais algumas imagens de atividades realizadas por J.K em casa durante a pandemia.

assuntos trabalhados em sala de aula. A primeira atividade foi aplicada logo quando do seu ingresso em EJA. Para exercitar a leitura, trabalhamos um pequeno poema e conversamos sobre esse gênero literário, falei sobre as rimas e recitei alguns poemas autorais. Na segunda e terceira atividades, ainda acompanhando o que estava sendo abordado em sala de aula, procuramos tratar de questões que envolvem valores éticos e morais, bem como sobre o exercício da cidadania e boas práticas sociais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio que encaramos ao decidir explorar o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso foi por demais motivador. Escrever sobre um assunto que não apenas aprendemos na academia, mas que literalmente acompanhamos de perto o desenrolar da sua trajetória, mexeu com meus valores e minha condição de pesquisador passou a fazer muito mais sentido. Em muitos momentos dessa escrita, a emoção invadiu o peito, as lágrimas foram inevitáveis, mas o sorriso, Ah! O sorriso descrito com tanta espontaneidade, na entrevista que consta na página 53, concedida pela professora Tatiane, é de fato a nossa maior recompensa.

A experiência trazida por essa pesquisa nos convenceu de que cada um de nós, estudantes da universidade pública, podemos oferecer uma contrapartida social, contribuindo com os estudos de tantas crianças e adolescentes que estão fora da escola por falta de um olhar mais humano. O experimento, desprezioso (sob o ponto de vista acadêmico) que tivemos com o jovem J.K, nos convenceu que não existe aquele “menino desinteressado”, ou aquele outro “que não quer nada com a escola”. Ao contrário: percebemos que, por trás desses estereótipos, há questões sociais que afetam diretamente o comportamento, a disposição e a possibilidade desses jovens seguirem estudando. Desse modo, a escola precisa entendê-los, na direção de que aquele é um lugar em que podem ser ouvidos e que, portanto, têm muito a falar. A construção do saber é uma via de mão dupla: eles têm muito a dizer e nós podemos ouvir a tudo que eles precisam expressar.

Por fim, retomo os momentos iniciais, de quando ainda conjecturava sobre qual tema trabalharia o meu TCC: A minha família, colegas e amigos mais próximos davam como favas contadas que seria algo voltado à literatura, à poesia ou algo assim. E não é que seria mesmo?! Porém, parafraseando Drummond: no meio do caminho tinha uma criança, tinha um ser humano no meio do caminho. Isso me fez mudar completamente os planos da escrita do meu trabalho.

De que adiantaria para mim, passar por essa importante Universidade, absorver tanto conhecimento e não deixar alguma contribuição? Para que serve um trabalho de conclusão de curso, senão para o progresso não apenas da ciência, mas da humanidade? Assim, desafiei-me a buscar, com uma experiência pessoal, alguma solução para uma problemática que atinge a muitas pessoas e que não pode passar despercebido aos nossos olhares. Convenci-me, portanto, que precisava transformar as conclusões alcançadas por este Trabalho em efetiva Política Pública.

Assim, apresentei ao Poder Legislativo, a proposta de emenda a uma Lei existente no Município de São Francisco do Conde, que tem beneficiado a milhares de jovens universitários. A intenção é a de que possam dar uma contrapartida social àqueles que precisam ser vistos, ouvidos e assistidos por quem tem a possibilidade de ter seus estudos custeados plenamente ou em parte pelos cofres públicos. Com isso, nasceu o Projeto de Lei número 025, de 15 de julho de 2022, que altera dispositivos da Lei 566/2019, conhecida como a Lei da “Bolsa Universitário”<sup>15</sup>. Neste município, há, por um lado, um número considerável de estudantes beneficiados por esta Lei que tem, entre seus objetivos, garantir o acesso, retomo e permanência dos estudantes nos cursos de graduação<sup>16</sup>. Por outro lado, há ainda na mesma cidade um número considerável de jovens que, pelos motivos aqui discutidos ou por outros, não conseguem se manter regularmente em sala de aula da educação básica.

O cruzamento dessas duas realidades nos fez apontar para esta possível alternativa, visando à redução dos índices de evasão escolar. A proposta, então, é a de que cada universitário que participe do Programa, beneficiado com a bolsa, irá dar sua contrapartida social como tutor, dedicando parte do seu tempo para o acolhimento e orientação de determinado estudante indicado pela gestão do programa. Assim sendo, intenta-se o aumento da autoestima e sensação de proteção desses jovens, que com essas ações, indubitavelmente, se sentirão, assim como J.K, mais felizes e motivados a continuar estudando.

---

<sup>15</sup> Lei Municipal 566 de 13 de fevereiro de 2019. Disponível em <https://doem.org.br/ba/saofranciscodoconde/diarios/previsualizar/40Vpn7aO>

<sup>16</sup> Inciso I do Artigo 2º- Lei 566/2019

## Referências

- BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal:Centro Gráfico, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998. 165 p. (Coleção Leitura).
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outras escritas**. 11ª ed. São Paulo: Paz eTerra, 2006.
- GADOTTI, Moacir. **Qualidade na educação: uma abordagem**. Disponível em: [https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14\\_02\\_2013\\_16.22.16.85d3681692786726aa2c7daa4389040f.pdf](https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2013_16.22.16.85d3681692786726aa2c7daa4389040f.pdf)
- MAGDA, Soares. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p.1 28.
- MAGDA, Soares. As múltiplas facetas da alfabetização. In: **Alfabetização e letramento**. SãoPaulo: Contextos, 2004.
- MOLLICA, Maria Cecília. LEAL, Marisa. **Letramento em EJA**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SÃO FRANCISCO DO CONDE, Lei Municipal 566 de 13 de fevereiro de 2019 que **Dispõe sobre o Programa de Apoio Financeiro ao Universitário Franciscano – PROUNIFAS**. Disponível em: <https://doem.org.br/ba/saofranciscodoconde/diarios/previsualizar/40Vpn7aO>
- UNICEF 2021**: <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- VYGOTSKY, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

**ANEXOS**

**Anexo A – Ofício de solicitação de emenda ao projeto de lei**

  
**UNILAB**  
 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
 Instituto de Humanidades e Letras do *Campus dos Malês*  
 Graduação em Letras – Licenciatura – Língua Portuguesa

Ofício 001/2022

Excelentíssima Senhora  
 Vereadora Renilza Fernandes Melo  
 DD. Relatora da Comissão de Educação, Cultura Bem estar Social e Saúde  
 Câmara Municipal de São Francisco do Conde  
 B A H I A

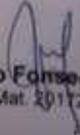
Prezada Senhora;

Cumprimentando Ihe com imensa alegria , apresentamos a Vossa Excelência, Minuta do Projeto de Lei que altera dispositivos da Lei Municipal número 566 de 13 de fevereiro de 2019 (PROUNIFAS), com o propósito de transformar em efetiva Política Pública com reflexo na vida de estudantes do nosso município, o minucioso trabalho de Pesquisa apresentado por este discente na Universidade da Integração da Lusofonia Afro- Brasileira UNILAB, sob a Orientação Professora Doutora Sabrina Garcia Rodrigues Balsalobre.

Desde já, nos colocamos a inteira disposição para os esclarecimentos e contribuições que se fizerem mister.

São Francisco do Conde, 04 de julho de 2022

CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO FRANCISCO DO CONDE  
RECEBIDO  
01/07/22

  
**José Raimundo Fonseca de Souza**  
 Discente- Mat. 2011212422

Recebi em  
05/07/2022  
Renilza Fernandes Melo

Renilza Fernandes Melo  
Vereadora  
Matricula: 3121



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
 Instituto de Humanidades e Letras do *Campus* dos Malês  
 Graduação em Letras – Licenciatura – Língua Portuguesa

## MINUTA

PROJETO DE LEI Nº \_\_, DE XX DE XX DE 2022

Dispõe sobre alterações em dispositivos da Lei Municipal número 566/2019 (PROUNIFAS) e adota outras providências.

A Câmara Municipal de São Francisco do Conde, Estado da Bahia, fundamentada na Lei Orgânica Municipal e Regimento Interno da Casa aprovou e eu, Prefeito Municipal deste município sancionou a seguinte Lei:

**Art. 1º** - Fica alterado o inciso "V" do Artigo 3º da Lei número 566 de 13 de fevereiro de 2019, que passa a vigorar com a seguinte redação:

" V – Firmar compromisso de prestar serviços em sua área de estudo, sem ônus, no âmbito na Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde ou de participar de Programa de incentivo a diminuição da evasão escolar por educandos em situação de vulnerabilidade social, alternativamente, como contrapartida, quando solicitado, na forma estabelecida em decreto regulamentar."

**Art. 2º** - Fica alterado o caput do Art. 15 da referida Lei, que passa a vigorar com a seguinte Redação:



**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Instituto de Humanidades e Letras do *Campus* dos Malês  
Graduação em Letras – Licenciatura – Língua Portuguesa**

"Art. 15 - O estudante beneficiado com o Programa dará como contrapartida, obrigatoriamente, a prestação de serviços em sua área de estudo, sem ônus, no âmbito da Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde ou alternativamente, participará de Programa de incentivo a diminuição da evasão escolar por educandos em situação de vulnerabilidade social, quando solicitado, na forma estabelecida em Decreto Municipal regulamentar."

**Art. 3º-** Permanecem inalterados os demais artigos da Lei que não foram expressamente citados

**Art. 4º-** Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Instituto de Humanidades e Letras do *Campus* dos Malês  
Graduação em Letras – Licenciatura – Língua Portuguesa

## JUSTIFICATIVA

O Presente Projeto de Lei pretende coroar as pesquisas, observações e experiências trabalhadas no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia afro Brasileira- UNILAB, a partir das conclusões apresentadas no Projeto de Conclusão de Curso pelo Discente José Raimundo Fonseca de Souza, tendo como Orientadora a Professora Doutora Sabrina Garcia Rodrigues Balsalobre, cujo tema é: **Letramento de Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social.**

Os estudos foram edificados a partir de exploração bibliográfica, lastreada nos ensinamentos das práticas pedagógicas de Paulo Freire e no sócio-interacionismo do psicólogo bielorusso Lev Semenovich Vygotsky, além de pesquisa de campo, por amostragem, com base na realidade de jovens munícipes da cidade de São Francisco do Conde estado da Bahia, em situação de vulnerabilidade social.

A observação dos aspectos causadores da evasão escolar, em função de uma seqüência de fatores que passam por desequilíbrio emocional, questões socioculturais, que envolvem relações familiares e econômicas, alterações comportamentais ou até mesmo o método de ensino aplicado nas salas de aula que pode não condizer com o perfil dos estudantes e que desencadeiam na dificuldade cognitiva, deram o norte para o aprofundamento de uma pesquisa, que trilhou por caminhos diversos.

A sucesso da experiência resultante de um caso concreto, de acolhimento a um jovem nessas condições, conduziu a pesquisa a concluir que: O Município de São Francisco do Conde tem um número considerável de universitários beneficiados pelo Programa Prounifaz, que tem entre seus objetivos, "garantir o acesso, retorno e permanência dos estudantes nos cursos e graduação", por outro lado, em



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Instituto de Humanidades e Letras do *Campus* dos Malês  
Graduação em Letras – Licenciatura – Língua Portuguesa

que pese todo um trabalho estatal para a manutenção de estudantes do ensino fundamental e EJA em sala de aula, ainda há um número bastante considerável

de jovens que, envolvidos em situações diversas, abandonam a escola e isso trata-se de uma realidade nacional.

O cruzamento dessas duas retas por tanto, nos faz apontar para uma possível alternativa, visando a redução dos índices de evasão escolar, na medida em que cada universitário que participe do Programa, irá dedicar parte do seu, como contrapartida do benefício, para o acolhimento e orientação de determinado estudante indicado pelo órgão gestor do programa, aumentando dessa forma a sua auto estima e sensação de proteção, levando-o a sentir-se motivado a continuar estudando.

## Anexo B – Projeto de Emenda à Lei



### Câmara Municipal de São Francisco do Conde - Ba

PROJETO DE LEI Nº 025 /2022

Dispõe sobre alterações em dispositivos da Lei Municipal número 566/2019 (PRONIFAS) e adota outras providências.

A Câmara Municipal de São Francisco do Conde, Estado da Bahia, fundamentada na Lei Orgânica Municipal e Regimento Interno da Casa aprovou e eu, Prefeito Municipal deste município sancionou a seguinte Lei:

**Art. 1º** - Fica alterado o inciso "V" do Artigo 3º da Lei número 566 de 13 de fevereiro de 2019, que passa a vigorar com a seguinte redação:

*"V – Fimar compromisso de prestar serviços em sua área de estudo, sem ônus, no âmbito na Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde ou de participar de Programa de incentivo a diminuição da evasão escolar por educandos em situação de vulnerabilidade social, alternativamente, como contrapartida, quando solicitado, na forma estabelecida em decreto regulamentar."*

**Art. 2º** - Fica alterado o caput do Art. 15 da referida Lei, que passa a vigorar com a seguinte Redação:

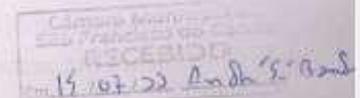
*"Art. 15 - O estudante beneficiado com o Programa dará como contrapartida, obrigatoriamente, a prestação de serviços em sua área de estudo, sem ônus, no âmbito da Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde ou alternativamente, participará de Programa de incentivo a diminuição da evasão escolar por educandos em situação de vulnerabilidade social, quando solicitado, na forma estabelecida em Decreto Municipal regulamentar."*

**Art. 3º**- Permanecem inalterados os demais artigos da Lei que não foram expressamente citados

**Art. 4º**- Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões em 15 de julho de 2022

  
**RENILZA FERNANDES MELO**  
 Vereadora  
 Renilza Fernandes Melo  
 Vereadora  
 Matrícula: 3121



Rua Barão de Rio Branco, nº 18, Centro, São Francisco do Conde – Bahia  
 CNPJ/MF 14.428.403/0001-40



## Câmara Municipal de São Francisco do Conde - Ba

### JUSTIFICATIVA

O Presente Projeto de Lei pretende coroar as pesquisas, observações e experiências trabalhadas no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia afro Brasileira- UNILAB, a partir das conclusões apresentadas no Projeto de Conclusão de Curso pelo Discente José Raimundo Fonseca de Souza, tendo como Orientadora a Professora Doutora Sabrina Garcia Rodrigues Balsalobre, cujo tema é: **Letramento de Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social.**

Os estudos foram edificados a partir de exploração bibliográfica, lastreada nos ensinamentos das práticas pedagógicas de Paulo Freire e no sócio-interacionismo do psicólogo bielo-russo Lev Semenovich Vygotsky, além de pesquisa de campo, por amostragem, com base na realidade de jovens munícipes da cidade de São Francisco do Conde estado da Bahia, em situação de vulnerabilidade social.

A observação dos aspectos causadores da evasão escolar, em função de uma seqüência de fatores que passam por desequilíbrio emocional, questões socioculturais, que envolvem relações familiares e econômicas, alterações comportamentais ou até mesmo o método de ensino aplicado nas salas de aula que pode não condizer com o perfil dos estudantes e que desencadeiam na dificuldade cognitiva, deram o norte para o aprofundamento de uma pesquisa, que trilhou por caminhos diversos.

A sucesso da experiência resultante de um caso concreto, de acolhimento a um jovem nessas condições, conduziu a pesquisa a concluir que: O Município de São Francisco do Conde tem um numero considerável de universitários beneficiados pelo Programa PROUNIFAZ, que tem entre seus objetivos, "*garantir o acesso, retorno e permanência dos estudantes nos cursos e graduação*", por outro lado, em que pese todo um trabalho estatal para a manutenção de estudantes do ensino fundamental e EJA em sala de aula, ainda há um numero bastante considerável de Jovens que, envolvidos em

Renilza Fernandes Melo  
Vereadora  
Matrícula: 3121

Rua Barão de Rio Branco, nº 18, Centro, São Francisco do Conde – Bahia  
CNPJ/MF 14.428.403/0001-40

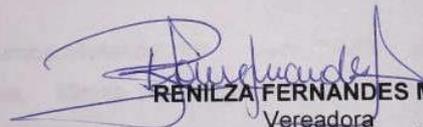


## Câmara Municipal de São Francisco do Conde - Ba

1561 situações diversas, abandonam a escola e isso trata-se de uma realidade nacional.

O cruzamento dessas duas retas por tanto, nos faz apontar para uma possível alternativa, visando a redução dos índices de evasão escolar, na medida em que cada universitário que participe do Programa, irá dedicar parte do seu, como contrapartida do benefício, para o acolhimento e orientação de determinado estudante indicado pelo órgão gestor do programa, aumentando dessa forma a sua auto estima e sensação de proteção, levando-o a sentir-se motivado a continuar estudando.

Sala das Sessões em 15 de julho de 2022

  
**RENILZA FERNANDES MELO**  
Vereadora  
Renilza Fernandes Melo  
Vereadora  
Matricula: 3121

Câmara Municipal  
São Francisco do Conde  
RECEBIDO  
Em 15/07/22 Ao Sr. S. Bonf...

## Anexo C – Lei 566/2019

CÂMARA  
SEGOV  
PUBLICADO EM  
21/02/2019

 ESTADO DA BAHIA  
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE  
GABINETE DO PREFEITO

**Lei Municipal Nº 566/2019**  
De 13 de fevereiro de 2019

*Dispõe sobre o Programa de Apoio Financeiro ao Universitário Franciscano (PROUNIFAS), e dá outras providências.*

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições legais,

Faz saber que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

**CAPÍTULO II**  
**DO PROGRAMA E SEUS OBJETIVOS**

Art. 1º. Fica criado no âmbito do Município de São Francisco do Conde-Bahia o Programa de Apoio Financeiro ao Universitário Franciscano (PROUNIFAS), destinado à concessão de bolsas mensais de estudos, para estudantes de graduação, regularmente matriculados em cursos ofertados por instituições privadas e públicas.

§ 1º. A Coordenação do Programa caberá a Comissão Gestora, indicada pelo Prefeito, formada, pelo Diretor de Programas, pelo Gerente do PROUNIFAS, pelo Subgerente do PROUNIFAS e pelo Assistente Social de Programas, cabendo, juntamente com a Secretaria Municipal da Educação:

- I – oferecer recursos materiais e humanos necessários para a plena consecução do Programa;
- II – promover ampla divulgação e transparência dos atos do Programa;
- III – selecionar, cadastrar, orientar e fiscalizar os estudantes beneficiados;
- IV – exigir e adotar as providências necessárias para a execução da contrapartida pelos estudantes beneficiados;
- V – instaurar processo administrativo para apurar responsabilidades;
- VI – elaborar relatórios semestralmente das atividades do Programa;
- VII – manter o cadastro dos estudantes beneficiados atualizado;
- VIII – emissão de declaração de regularidade dos estudantes beneficiados;
- IX – elaboração da folha de pagamento do Programa;
- X – elaborar diagnóstico do Programa;
- XI – propor plano de intervenções e resolubilidade;

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE  
Rua Padre Anselmo de Faria, 61 – Centro, São Francisco do Conde, BA  
CEP: 45.900-000 – Fone: (71) 3322-8000



ESTADO DA BAHIA

2/10

SEGOV  
PUBLICADO EM  
21/02/2019

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

GABINETE DO PREFEITO

- XII - responder questionamentos de órgãos de controle interno e externo;
- XIII - realizar pagamento mensal aos beneficiários do Programa que estejam em conformidade com esta Lei;
- XIV - manter em arquivo físico e digital os documentos inerentes aos beneficiários no momento do ingresso, permanência e até saída do Programa, até 05 (cinco) anos;
- XV - prestar serviço de orientação/apoio ao estudante que deseja ingressar na universidade;
- XVI - sugerir modificações da Legislação que norteia o Programa;
- XVII - desenvolver atividades correlatadas;

§ 2º. A fiscalização do Programa caberá a Comissão Fiscalizadora, constituída por 06 (seis) membros, sendo 02 (dois) indicados pelo Prefeito, 02 (dois) representantes da classe universitária, 01 (um) representante do Conselho da Educação e 01 (um) representante indicado pela Câmara de Vereadores.

§ 3º. As atribuições da Comissão Fiscalizadora, serão definidas em regulamento próprio.

**Art. 2º.** O Programa de Apoio ao Universitário visa, principalmente:

- I - possibilitar aos munícipes sem recursos financeiro suficientes, próprios ou de familiares, a garantir o acesso, retorno e permanência dos estudantes nos cursos de graduação;
- II - estimular entre os beneficiários do programa a criação cultural, o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- III - ajudar na formação de profissionais competentes nas diferentes áreas de conhecimento, aptos a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento socioeconômico do Município;
- IV - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional, possibilitando a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento.

## CAPÍTULO II DO INGRESSO E PERMANÊNCIA NO PROGRAMA

**Art. 3º.** São requisitos para inscrição no processo de seleção para concessão da bolsa universitária:

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE  
End. Praça da Independência, s/n - Centro, São Francisco do Conde - BA  
CNPJ: 43.900-000 / Tel.: (71) 3633-8000



ESTADO DA BAHIA

3/10

SEGOV  
PUBLICADO EM21 / 02 / 2019

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

GABINETE DO PREFEITO

- I - ser estudante brasileiro nato ou naturalizado;
- II - possuir renda bruta per capita não excedente a 03 (três) salários mínimos;
- III - ser residente e domiciliado na cidade de São Francisco do Conde, no mínimo, por 10 (dez) anos;
- IV - não possuir diploma de curso superior e estar matriculado em instituição de ensino superior, devidamente reconhecida pelo MEC - Ministério da Educação e Cultura;
- V - firmar compromisso de prestar serviços em sua área de estudo, sem ônus, no âmbito da Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde, como contrapartida, quando solicitado, na forma estabelecida em decreto regulamentar;

§ 1º. A manutenção da bolsa pelo beneficiário, observado o prazo máximo de permanência, dependerá do cumprimento de requisitos deste artigo, bem como os estabelecidos em Decreto regulamentar.

§ 2º. Dentre o total de bolsas disponíveis, será reservado o percentual de 5% (cinco por cento), em cada curso, para portadores de deficiência, devidamente comprovado por Junta Médica Oficial do Município.

§ 3º. Poderão requerer inscrição no programa estudantes matriculados em curso de graduação presencial.

§ 4º. Somente poderão participar do Programa aqueles candidatos que tenham tirado nota mínima na prova do ENEM aplicada no ano anterior do processo seletivo, salvo aqueles estudantes que forem se inscrever no processo seletivo no exercício seguinte da publicação desta Lei.

§ 5º. Consideram-se para o cálculo da renda bruta familiar per capita de que trata o inciso II deste artigo salários, proventos, pensões, comissões, pró-labore, aposentadorias, aluguel.

§ 6º. A atividade de contrapartida consiste em prestação de serviço obrigatório a ser desempenhado pelo beneficiário, nos órgãos e entidades integrantes do Município de São Francisco do Conde-Bahia;

§ 7º. Serão eliminados os candidatos que não atenderem aos requisitos previstos nos incisos do *caput* deste artigo.

§ 8º. O beneficiário do Programa responde legalmente pela veracidade e autenticidade das informações socioeconômicas e acadêmicas prestadas, e, em caso de fraude ou falsidade ideológica comprovadas através de processo Administrativo, com as garantias do contraditório e da ampla defesa, serão desligados do Programa e obrigados a ressarcir o Tesouro Municipal do valor irregularmente usufruído, sem prejuízo das demais cominações legais.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE  
End. Praça da Independência, s/n - Centro, São Francisco do Conde-BA  
CEP: 43.900-000 / Tel.: (71) 3651-8000



ESTADO DA BAHIA

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

GABINETE DO PREFEITO

4/10

SEGOV  
PUBLICADO EM  
21/02/2019

§ 9º. O Programa poderá fazer visitas domiciliares com a finalidade de averiguar as informações prestadas pelo estudante, quanto à situação socioeconômica.

§ 10. Para fins desta Lei, entende-se por família o grupo doméstico, ligado por descendência, a partir de um ancestral comum, matrimônio ou adoção.

Art. 4º. Não poderá ingressar no programa o postulante que:

I - tenha se desligado anteriormente de Programa de apoio aos universitários, por fraude, nos termos desta Lei ou regulamento;

II - já tenha concluído curso de graduação.

Art. 5º. Semestralmente, em data definida pela Secretaria Municipal da Educação, para manutenção no Programa, os estudantes bolsistas deverão atualizar seu cadastro, mediante apresentação dos seguintes documentos:

I - comprovante de frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento), emitido pela instituição;

II - histórico escolar, emitido pela instituição;

III - comprovante de matrícula para o semestre seguinte;

IV - termo de compromisso;

§ 1º. A não apresentação de qualquer dos documentos listados no caput deste artigo, implicará na exclusão do estudante do Programa.

§ 2º. A Secretaria Municipal da Educação sempre que entender necessário poderá requerer documentos complementares.

§ 3º. Para efeito do disposto neste artigo, a Comissão Gestora realizará rigoroso acompanhamento da situação socioeconômica do estudante beneficiário e de seu desempenho acadêmico.

Art. 6º. Será automaticamente excluído do Programa, o beneficiário que:

I - concluir os créditos mínimos para integralização do curso, salvo bacharelado interdisciplinar;

II - não atualizar o cadastro no período definido pela Secretaria Municipal da Educação, bem como deixar de apresentar documentos complementares;

III - não for aprovado em, pelo menos, 70% (setenta por cento) das disciplinas cursadas;

IV - for reprovado em, pelo menos, 01 (uma) disciplina por semestre, sem justo motivo;

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE  
End. Praça de Independência, s/n - Centro, São Francisco do Conde-BR  
CEP: 43.300-000 / Tel.: (71) 3693-8000



ESTADO DA BAHIA

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

GABINETE DO PREFEITO

5/10

PUBLICADO EM

21/02/2019

V - não concluir o curso no prazo de integralização, admitindo-se uma prorrogação por mais 01 (um) semestre, excetuando-se os cursos com duração de 10 (dez) semestres, onde será admitida uma prorrogação por mais 02 (dois) semestres;

VI - abandonar o curso, dele desistir, evadir-se, ter sido expulso da instituição, apresente condutas incompatíveis ou mesmo trancar disciplina, sem justo motivo, devidamente comprovado junto a Comissão Gestora;

VII - prestar informações ou apresentar documentos falsos, comprovado através de processo Administrativo, com as garantias do contraditório e da ampla defesa, sem prejuízo das demais cominações legais;

VIII - falecer;

IX - não se matricular em, pelo menos 04 (quatro) disciplinas por semestre, salvo orientação da matriz curricular;

X - não participar das atividades de contrapartida;

§ 1º. Será admitido um pedido de transferência por beneficiário, desde que o estudante não tenha cursado mais da metade do tempo mínimo para conclusão e seja a instituição devidamente reconhecida pelo Ministério da Educação;

§ 2º. Para os estudantes beneficiários que solicitarem transferência, será concedido mais 01 (um) semestre para conclusão, sem prejuízo da previsão contida no art. 6º, inc. V, desta Lei;

§ 3º. Caso a duração do curso transferido seja superior ao curso anterior, para fins de contagem de permanência ao Programa, será adotado o prazo mínimo de conclusão do curso de ingresso;

§ 4º. A transferência do beneficiário para outro curso ou instituição com manutenção no Programa depende de autorização da Comissão Gestora, através da apresentação de requerimento formal pelo estudante;

§ 5º. Considerar-se-á abandonado o curso do estudante que, injustificadamente, deixar de frequentar as aulas por mais de 10 (dez) dias ou não se matricular por período igual ou superior a 01 (um) semestre.

Art. 7º. Será admitida a suspensão do benefício pelo prazo máximo de 01 (um) semestre, salvo os casos fortuitos, de força maior ou problemas de saúde, devidamente autorizados pela Comissão Gestora, mediante comprovação pelo estudante.

Parágrafo único: O prazo constante do *caput* deste artigo não influencia na contagem dos prazos dispostos no § 2º, inciso V, do artigo anterior e no art. 6º, inciso V, ambos desta Lei.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE  
End. Praça da Independência, s/n - Centro, São Francisco do Conde - BA  
CEP: 41.900-000 / Tel.: (71) 3611-8000



ESTADO DA BAHIA

6/10

PUBLICADO EM

21 / 02 / 2019

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

GABINETE DO PREFEITO

Art. 8º. O Edital de seleção do Programa relativo ao período letivo que se seguir, indicando as vagas, procedimentos operacionais, regramentos e diretrizes para ingresso será devidamente publicado no Diário Oficial do Município de São Francisco do Conde-Bahia.

§ 1º. A ordem classificatória obedecerá ao critério de menor para maior renda, de acordo com a quantidade de vagas disponíveis no Edital, sendo o percentual maior de bolsas conferido aos estudantes de menor renda.

§ 2º. Em caso de empate terá preferência, sucessivamente o candidato:

I - que tenha concluído o ensino médio em escola pública;

II - de idade mais avançada.

III - que integre família mais numerosa.

§ 3º. As publicações dos Editais de seleção estão condicionadas a existência de vagas, consoante orçamento anual.

## CAPÍTULO II DO PAGAMENTO DO BENEFÍCIO

Art. 9º. O valor da bolsa mensal ser de R\$ 500,00 (quinhentos reais), para todos os estudantes beneficiários do Programa, exceto para aqueles que já se encontravam beneficiados pelo Prounifas antes da publicação desta Lei.

§ 1º. Terão prioridade no atendimento ao Programa os estudantes com renda familiar mais baixa.

§ 2º. Havendo empate entre candidatos com igual situação socioeconômica, na forma descrita no art. 8º, § 2º desta Lei, deverá a Comissão Gestora estabelecer outros critérios de desempate findados na valorização do mérito intelectual.

§ 3º. Ao final de cada semestre, será apurada a situação econômica familiar do bolsista, para efeito de manutenção ou exclusão do Programa.

§ 4º. Os estudantes já beneficiados pelo Prounifas, de que trata o *caput* deste artigo, que possuem bolsa no valor de R\$ 595,00 (quinhentos e noventa e cinco reais), terão seu valor mantido.

§ 5º. Os estudantes já beneficiados pelo Prounifas das Instituições de Ensino Superior (IES) provadas, que possuem bolsa inferior a R\$ 595,00 (quinhentos e noventa e cinco reais) e superior a R\$ 500,00 (quinhentos reais), terão seu valor mantido.



ESTADO DA BAHIA

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

GABINETE DO PREFEITO

7/10

SEGOV  
PUBLICADO EM  
21/02/2019

§ 6º. Os estudantes já beneficiados pelo PROUNIFAS das IES públicas, receberão o valor de R\$ 500,00 ( quinhentos reais), descrito no *caput* deste artigo.

**Art. 10.** No caso dos estudantes de instituições de ensino superior privadas, a bolsa mensal poderá ser paga diretamente a instituição, através de transferência bancária, mediante celebração de acordo de credenciamento.

§ 1º. Caso o valor da mensalidade seja superior ao valor da bolsa, fica o estudante obrigado ao pagamento mensal do valor remanescente junto a Universidade.

§ 2º. Caso haja saldo do valor da bolsa em favor do estudante, a Secretaria Municipal da Educação fará a transferência para conta bancária do estudante cadastrada.

§ 3º. As instituições de ensino devem ser reconhecidas pelo Ministério da Educação – MEC.

**Art. 11.** No caso dos estudantes de universidades públicas, a bolsa mensal será paga a título de auxílio financeiro, através de transferência bancária para a conta do estudante cadastrada.

§ 1º. O valor repassado a título de auxílio deverá ser utilizado pelos estudantes para fins de permanência no ensino público superior.

§ 2º. Ficando comprovada a utilização indevida do valor repassado a título de auxílio, o estudante será excluído do programa, através de instauração de processo administrativo.

**Art. 12.** A bolsa concedida terá validade de 01 (um) semestre letivo, podendo ser renovada por mais semestres, desde que o estudante beneficiário mantenha todos os requisitos para a concessão.

**Art. 13.** O pagamento do benefício observará o Calendário fixado pela Secretaria Municipal da Educação.

**Art. 14.** A ocorrência de greve na instituição ou a ocorrência de qualquer outro fato que implique na paralisação das aulas por período superior a 20 (vinte) dias enseja a suspensão temporária da concessão do benefício, até que a situação seja normalizada.

### CAPÍTULO III DA CONTRAPARTIDA

**Art. 15.** O estudante beneficiado com o Programa dará como contrapartida, obrigatoriamente, a prestação de serviços em sua área de estudo, sem ônus, no âmbito da Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde, quando solicitado, na forma estabelecida em Decreto regulamentar.



ESTADO DA BAHIA

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

GABINETE DO PREFEITO

8/10

PUBLICADO EM  
21 / 02 / 2019

**Art. 16.** A convocação para prestação da contrapartida será realizada através de publicação no Diário Oficial do Município de São Francisco do Conde-Bahia, bem como por aviso enviado ao endereço eletrônico cadastrado.

§ 1º. O estudante beneficiário será considerado notificado pela publicação e pelo endereço eletrônico, sendo concedido o prazo de 05 (cinco) dias para se apresentar à Comissão Gestora ou justificar a sua ausência.

§ 2º. A ausência de prestação da contrapartida pelo estudante beneficiário convocado, sem justificativa que comprove a ocorrência de caso fortuito, força maior ou problema de saúde implicará na exclusão automática do Programa.

§ 3º. O estudante que comprovar a impossibilidade de prestação da contrapartida em decorrência de vínculo empregatício ou atividade autônoma, deverá cumprir a contrapartida no período das férias letivas.

### CAPÍTULO III DAS PENALIDADES

**Art. 17.** Na ocorrência de falsa declaração ou fraude visando a concessão do benefício, comprovada através de processo Administrativo, com as garantias do contraditório e da ampla defesa, o estudante ficará sujeito a aplicação de penalidades previstas em regulamento, sem prejuízo das demais cominações legais.

**Art. 18.** A aplicação de penalidades ao estudante será precedida de procedimento administrativo, assegurando-se contraditório e a ampla defesa.

§ 1º. Havendo indícios de irregularidades, o estudante será submetido a Processo Administrativo, sendo concedidos 10 (dez) dias para apresentação de defesa, devendo o mesmo devolver aos cofres públicos o que fora recebido indevidamente, com correção monetária, independente das sanções penais legais.

§ 2º. Constatados indícios de irregularidades, poderá a Comissão Gestora suspender preventivamente o pagamento do benefício mensal, restabelecendo-o integralmente ao final do procedimento, caso se comprove a inexistência de infração ou situação excludente.

**Art. 19.** O servidor público que no exercício da função, por ação ou omissão, contribuir para a inclusão ou permanência indevida de estudante no Programa, ou pagamentos em desacordo com esta Lei, responderá pelos seus atos, através de Processo Administrativo Disciplinar, sem prejuízo das demais cominações legais.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE  
End. Praça de Independência, s/nº - Centro, São Francisco do Conde-BA  
CEP: 43.960-000 / Tel.: (71) 9651-8000



ESTADO DA BAHIA

9/10

PUBLICADO EM

21 / 02 / 2017

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

GABINETE DO PREFEITO

**CAPÍTULO IV**  
**FORMALIZAÇÃO DE CONVÊNIO COM AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO**  
**SUPERIOR PRIVADAS**

**Art. 20.** Poderão ser formalizados convênios entre as Instituições de Ensino Superior e a Secretaria Municipal da Educação tendo como objeto o recebimento direto do benefício em favor do estudante, através de transferência bancária, no intuito de liquidar o valor da mensalidade.

§ 1º. Caso o valor da mensalidade seja superior ao valor da bolsa repassado pelo Município, ficará o estudante responsável pelo pagamento valor remanescente junto a Instituição de Ensino.

§ 2º. As instituições de ensino devem ser reconhecidas pelo Ministério da Educação – MEC para celebração do Termo de Convênio.

§ 3º. A instituição de ensino é responsável por garantir que as informações enviadas pelos estudantes ao Programa são verdadeiras.

**Art. 21.** As Instituições educacionais deverão:

I – permitir e facilitar o acompanhamento e a supervisão dos alunos pela Comissão Gestora;

II – informar, sempre que solicitado, a relação de estudantes matriculados, frequência, entre outros dados, de acordo com orientações da Comissão Gestora;

III – repassar para a Comissão Gestora os dados de desempenho acadêmico do estudante, para fins de manutenção no programa;

IV – informar a Comissão Gestora a ocorrência de qualquer fato relevante acerca do comportamento dos estudantes;

V – cumprir fielmente o objeto do convenio;

VI – conferir aos estudantes contemplados pelo Programa tratamento idêntico ao dispensado aos demais estudantes.

**CAPÍTULO V**  
**DAS DISPOSIÇÕES GERAIS**

**Art. 22.** As despesas resultantes da aplicação desta Lei correrão por conta de dotações próprias, consignadas no orçamento vigente ou seguinte, ficando o Poder Executivo autorizado a abrir créditos suplementares no exercício corrente, mediante utilização de recursos próprios.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE  
End. Praça da Independência, s/n – Centro, São Francisco do Conde-Ba  
CEP: 43.900-000 / Tel. (71) 9651-8000



ESTADO DA BAHIA

10/10

SEGOV  
PUBLICADO EM

21/02/2019

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

GABINETE DO PREFEITO

Art. 23. A lista contendo a relação completa dos estudantes beneficiados deverá ser publicada no Diário Oficial do Município de São Francisco do Conde-Bahia semestralmente.

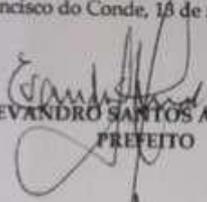
Art. 24. Os casos omissos serão dirimidos pela Coordenação do Programa.

Art. 25. Ficam validados todos os atos praticados com base na Lei Municipal nº 296, de 2013, até a entrada em vigência desta Lei.

Art. 26. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 27. Ficam revogadas as disposições em contrário, especialmente a Lei municipal nº 296, de 12 de junho de 2013.

São Francisco do Conde, 16 de fevereiro de 2019.

  
EVANDRO SANTOS ALMEIDA  
PREFEITO

  
Marivaldo Cruz do Amaral  
Secretário da Educação

## Anexo D – Entrevistas com Profissionais da Educação



**UNILAB**

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – CAMPUS DOS MALÉS

**Trabalho de Conclusão de Curso – TCC**  
Discente: José Raimundo Fonseca de Souza

**ENTREVISTA**

Entrevistada: Amiliane Sena

Função: Professora P. T. I.

Escola: Préi Galileu Galilei

Quando Jackson foi matriculado e iniciou suas atividades, lembra-se em que série foi?

R: Não, porém lecionei para ele no 4º e 5º ano também na ESA.

No início como ele se comportava ?

R: O educando apresentava um comportamento indisciplinado, não possuía uma escuta atenta, demonstrava agressividade com os colegas de sala.

Ele conseguia se concentrar nas aulas?

R: O educando demonstrava diversas dificuldades de aprendizagem, tanto comportamental, quanto de leitura e escrita.

consegua ter uma boa relação com professores e alunos?

R: As vezes sim, porém o mesmo não gostava de ser contrariado.

A que voce atribuiria esse comportamento dele? E se tinha dificuldade de aprendizado qual seriam os motivos na sua opinião?

R: Foi a notoria que não sentia-se pertencente ao ambiente escolar e mesmo utilizando afetividade com ele muitas vezes ele negava essa reciprocidade. Por isso atribuiu o comportamento dele a questões familiares.

Os pais visitavam frequentemente a escola para saber do seu filho?

R: Somente quando eram chamados

Ao retornar a frequentar a escola, dessa vez matriculado em EJA, você percebeu o interesse dele em estudar?

R: O educando no início das aulas mostrava-se retraído, porém depois de alguns dias começou a ficar cada vez mais interessado.

Percebeu mudanças em seu comportamento? Quais?

R: Sim, em todos os aspectos, ele avançou na aprendizagem em menos de dois meses, demonstrava afetividade com os colegas e profissionais da escola.

realizava as atividades direitinho ou não as fazia?

R: Realizava todas as atividades

Se houve, a que você atribui essa mudança de comportamento do

R: Ao assistencialismo e acolhimento que o educando estava recebendo dentro e fora da escola.

Você o considera um aluno interessado?

R: Sim

Percebeu se antes mesmo de frequentar a escola, ele já tinha um conhecimento de mundo que favorecia o seu aprendizado?

R: Sim, sempre que possui diversas habilidades fantásticas, entre elas está a capacidade de realizar desenhos maravilhosos.

Essa mudança de comportamento, você acha que refletiu no comportamento de sua mãe?

R: Acredito que sim.

Espaço para algum comentário que julgar salutar:

Tudo sugira a possibilidade de mudança a partir da valorização e cuidado que o próximo demonstra ter com o mesmo. Graças! Parabéns! por acreditar...

## UNILAB

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
 INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - CAMPUS DOS MALÉS

## Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

Discente: José Raimundo Fonseca de Souza

## ENTREVISTA

Entrevistada: Katiane Rosa de Meneses  
 Função: Coordenadora Pedagógica  
 Escola: Frei Eliseu Eusmann

Quando            foi matriculado e iniciou suas atividades, lembra-se em que série foi?

R: Após chegar na escola em 2017 ele foi na aluno

No início como ele se comportava ?

R: Era um ~~fr~~ aluno muito agressivo nas falancras respondia de modo agressivo tanto aos adultos como aos seus próprios colegas, ele não realizava as atividades, gostava do fundo da sala.

Ele conseguia se concentrar nas aulas?

R: Os professores por diversas vezes falavam no conselho de classe que ele não fazia as atividades ficava ~~o~~ <sup>o</sup> disperso, já ocorreu de eu ter que retirar o aluno da classe por além de ele não fazer, ele arrumava um jeito de tirar atenção dos colegas. O caderno dele geralmente estava em branco. Ele gostava muito de desenhar.

consequia ter uma boa relação com professores e alunos?

R: Era muito de momento, ele por exemplo gostava muito da professora Denise, porém se ela dissesse algo que ele não gostasse ele era agressivo, e as vezes não deixava ela dar aulas.

A que você atribuiria esse comportamento dele? E se tinha dificuldade de aprendizado qual seriam os motivos na sua opinião?

R: Ele vinha de casa cheio de mágoas, foi presenciado nas reuniões da genitora <sup>compara em</sup> a escola, agredia verbalmente (não permitíamos) notávamos que ele estava sem ânimo, acho que as dificuldades na aprendizagem eram relacionadas as questões socio-emocionais e familiares.

Os pais visitavam frequentemente a escola para saber do seu filho?

R: Não.

A frequência da mãe geralmente era relacionada a algum tipo de reclamação.

Ao retornar a frequentar a escola, dessa vez matriculado em EJA, você percebeu o interesse dele em estudar?

R: Sim.

Ele mudou significativamente, sendo o aluno da eja de era mais dedicado, participativo.

Percebeu mudanças em seu comportamento? Quais?

R: Muitas foram as mudanças, sendo elas: Realização nas atividades, participação oral nas aulas, escuta colaborativa, conversava com os colegas da turma [serria], o grande ganho foi o sorriso.

realizava as atividades direitinho ou não as fazia?

R: Fazia, e ainda tirava dúvidas, fazia perguntas e contribuía com as aulas expondo seus conhecimentos sobre diversos assuntos.

Se houve, a que você atribui essa mudança de comportamento do

R: 2 Fatores fundamentais os quais dissociados não teriam a devida eficácia.

① Mudança de vida familiar, ele saiu do meio familiar que o oprimia.

② A escola estava da forma que atendia aos desejos. Você o considera um aluno interessado?  Sim  Não. a escola era a sua realidade.

R: hoje sim, depois da educação de jovens e adultos.

Percebeu se antes mesmo de frequentar a escola, ele já tinha um conhecimento de mundo que favorecia o seu aprendizado?

R: Sim. Ele tinha boas argumentações durante os temas polêmicos discutidos nas classes.

Essa mudança de comportamento, você acha que refletiu no comportamento de sua mãe?

R: Não sei  
(Prefiro não comentar sobre)

Espaço para algum comentário que julgar salutar:

A ESCOLA É O ESPAÇO NÃO APENAS DA EDUCAÇÃO FORMAL. É O ESPAÇO ONDE OS INDIVÍDUOS APRENDEM DURANTE A SOCIALIZAÇÃO, É CARRÉGADA DE VALORES, CULTURA, ONDE SEUS PROFISSIONAIS CRIAM UM AMBIENTE DE CARINHO E RESPEITO.



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - CAMPUS DOS MALÉS

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

Disciplin.: José Raimundo Fonseca de Souza

ENTREVISTA

Entrevistado: Jorgeinho Santos Botelho  
Função: vice-diretor  
Escola: Monteiro Lobato

Quando foi matriculado e iniciou suas atividades, lembra-se em que série foi?

R: 30 dias da professora Denise

No início como ele se comportava?

R: Ele era um menino sem estímulos  
criativos, só fazia desovar no fundo  
da sala, demonstrando bastante cansado e rijo.

Ele conseguiu se concentrar nas aulas?

R: De maneira alguma conseguiu se  
concentrar, ficava inquieto, muito  
agitado, saindo da sala várias vezes,  
chamando muito atenção.

conseguia ter uma boa relação com professores e alunos e funcionários?

R: Infelizmente a relação entre o corpo docente e docente era de péssima qualidade, sempre procurava alguma organização para essa parte da escola sem condições nenhuma de manter ele presente.

A que você atribuiria esse comportamento dele? E se tinha dificuldade de aprendizado qual seriam os motivos na sua opinião?

R: Tudo isso era por falta de apoio familiar a mãe e o padrasto era muito descontrolado, não sabia educar de maneira alguma. Ele também nunca teve um bom aprendizado por falta de apoio, era tudo influenciado.

Os pais visitavam frequentemente a escola para saber do seu filho?

R: Quando apareciam na escola só era para falar mal que não prestava, sempre cobrando para fora de casa, que era entregue ao conselho tutelar.

E se visitavam, iam os dois a escola? O pai e a mãe?

R: Sempre iam a mãe e o padrasto, só para chamar atenção.

Ao retornar a frequentar a escola, dessa vez matriculado em EJA, você percebeu o interesse dele em estudar?

R: mudou muito, começou a frequentar as aulas, fez suas atividades com o apoio do rapaz que começou a cuidar.

Percebeu mudança em seu comportamento? Qual?

R: O comportamento era outro, ele se tornou muito mais totalmente equilibrado.

Se houve, a que você atribui essa mudança de comportamento do

R: Esse comportamento foi quando ele encontrou  
uma pessoa que mudou a ideia mesmo  
relacionado a seus defeitos.

realizava as atividades direitinho ou não as fazia?

R: Ele começou a se concentrar até o fim  
o colega durante as atividades.

Você o considera um aluno interessado?

R: Hoje considero um aluno interessado, que  
faz as melhorias de vocês.

Percebeu se antes mesmo de frequentar a escola, ele já tinha um  
conhecimento de mundo que favorecia o seu aprendizado?

R: Duplo que houve parceria entre família  
e escola na resolução de problemas.

Essa mudança de comportamento, você acha que refletiu no  
comportamento de sua mãe?

R: Hoje a mãe passou a creditar mais nele,  
está mais feliz com o filho e está  
acordada.

Espaço para algum comentário que julgar salutar:

Hoje quando vejo J dando conselho  
ao amigo, digo que aquele Udo não  
pertence;  
Meu com meu, carro, digito baixo;  
Porque posso  
E o mais importante disso tudo é ver ter  
na barba, toda comprido;

E mesmo trabalhando, vai a escola a noite,  
e cuida de sua atividade.

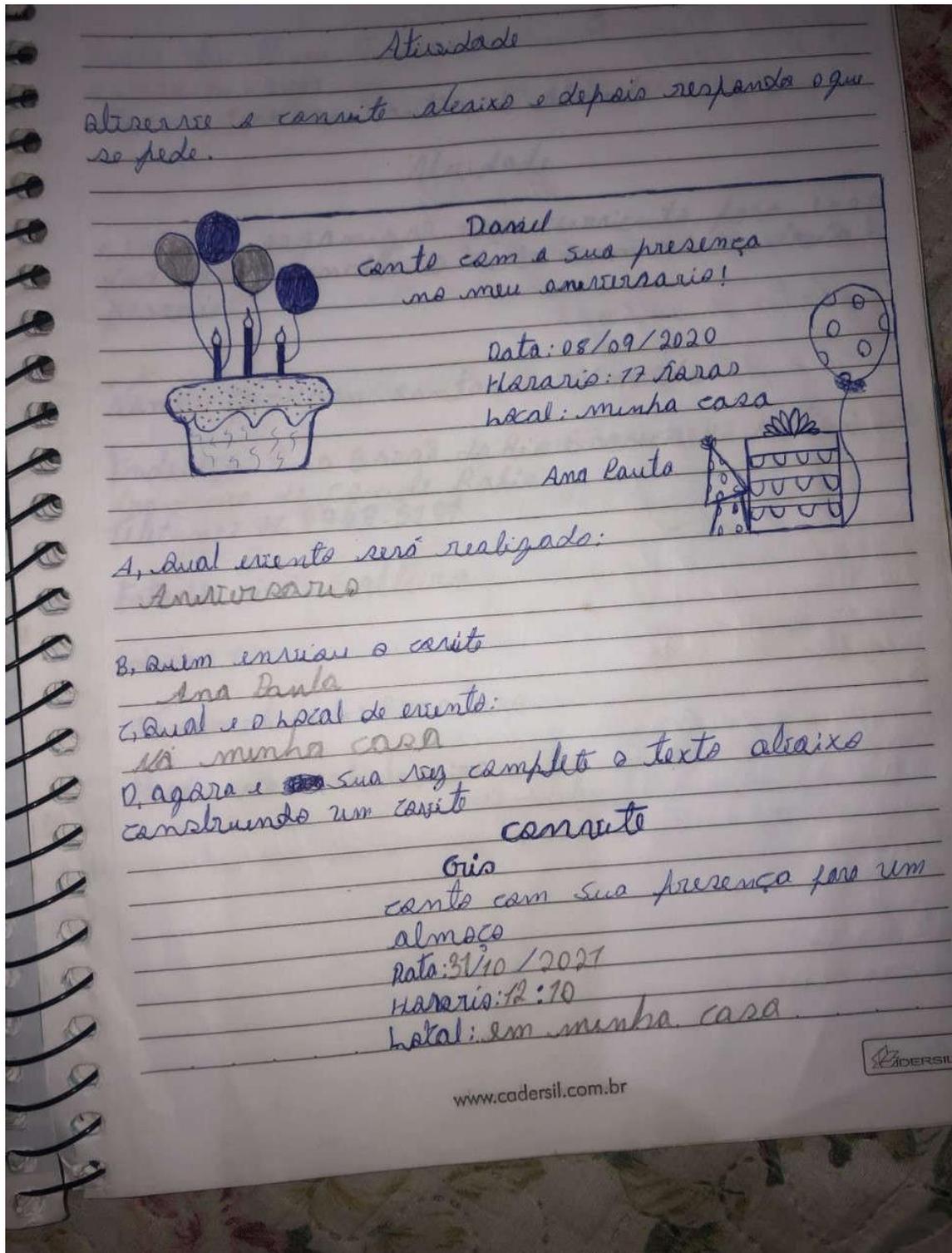
Segundo [redacted] faz a "escola dele" em um  
lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem.

Onde a convivência permite estar continua-  
mente se superando, porque a escola é o espaço  
privilegiado para pensar.

Sendo assim [redacted] continua em busca  
de seus sonhos, acreditando em dias melhores.

sendo incentivado em casa, tem cuidado em  
seus tempos escolares, a pessoa está sempre no  
pé, mostrando a importância do aprendizado,  
a tendência é que ele tenha um bom rendimento.

## Anexo E – Atividades realizadas na Pandemia



Escola Frei Eliseu Terman

Data 08/2021

Aluno(a) Jackson Santos de Almeida

Atividade

Autobiografia

Meu nome é [redacted]

Nasci em 03/07/2004

No Estado da Bahia

Gosto muito jogar Bola

de futebol

Agora relate através de um pequeno texto um momento inesquecível que marcou sua trajetória de vida... A melhor parte da minha vida foi quando eu tive o meu 16 anos que fizerei uma surpresa para mim que eu não acreditei quando eu cheguei em casa estava lá a minha família todo mundo me abraçou aí quando eu entrei todo mundo acendeu a luz e bateu palmas.

Escola Frei Eliseu Esmanov

Data 10/10/2021

Aluno(a) [REDACTED]

### Atividade

A. Qual o resumo do texto?

( ) Oportunidades de emprego.

Boas Ações para o benefício da População.

( ) Técnicas Agrícolas.

B. Qual a importância desse projeto para a comunidade de São Francisco do Conde? e a importância é que vai ajudar muitas pessoas que tem necessidade e não conhece alguém que participa desse projeto. Eu não.

D. O que significa o sigla (PAA)

Programa de Aquisição de Alimentos  
e, liste os alimentos descritos no texto que fazem parte da agricultura familiar e são distribuído junto com Banana.

Milho

Aipim

Abacaxi

Chicória Verde

**Anexo F - Imagens da Escola Frei Elizeu Eismann**







Anexo G - Desenhos produzidos por J.K

